

Não Desafie o Coração

Séries O Guardião do Coração de Cristal
Livro 2



Portuguese Translation



AMY BLANKENSHIP

Amy Blankenship
Não Desafie O Coração

«Tektime S.r.l.s.»

Blankenship A.

Não Desafie O Coração / A. Blankenship — «Tektime S.r.l.s.»,

Uma jovem rapariga, nascida mil anos no futuro, acidentalmente vai parar numa terra marcada pelo conflito, na posse de um objeto que pode curar ou destruir a terra deles: um cristal conhecido como O Guardião do Coração de Cristal. Ao haver cinco irmãos que são atraídos por ela e se tornam os seus guardiões, a batalha entre o bem e o mal transforma-se numa batalha de corações. Agora com o cristal em mil pedaços e o inimigo a aproximar-se, a última coisa que eles esperavam era um feitiço que os colocassem um contra o outro. Quando os temperamentos se alteram e os segredos são mantidos, o ciúme torna-se num jogo perigoso entre os poderosos irmãos. Quando a posse se torna num obsessão, poderão os irmãos impedir que o inimigo reclame a única pessoa que eles estão todos a tentar proteger?

© Blankenship A.

© Tektime S.r.l.s.

Содержание

A Lenda do Coração do Tempo	6
Capítulo 1 'Amor Secreto'	8
Capítulo 2 'Sustos matinais'	14
Capítulo 3 'Beijo do ciúme'	23
Capítulo 4 'Não vás'	29
Capítulo 5 'Ciúmes perigosos'	34
Capítulo 6 'Mal-entendidos'	42
Capítulo 7 'Perguntas'	50
Конец ознакомительного фрагмента.	55

Amy Blankenship

Não Desafie o Coração

Não Desafie o Coração

Séries O Guardião do Coração de Cristal Livro 2

Amy Blankenship

Translated by Elisabete Tavares

Copyright © 2006 Amy Blankenship

Edição em inglês publicada por Amy Blankenship

Segunda edição publicada por TekTime

Todos os direitos reservados

A Lenda do Coração do Tempo

Os mundos podem mudar ... mas as verdadeiras lendas nunca desaparecem.

A escuridão e a luz lutam constantemente desde o início dos tempos. Mundos são formados e esmagados sob os pés dos seus criadores, mas a necessidade contínua do bem e do mal nunca esteve em questão. No entanto, às vezes um novo elemento é lançado na mistura... a única coisa que ambos os lados querem, mas apenas um pode ter.

Paradoxal por natureza, o Guardião do Coração de Cristal é a única constante que ambos os lados sempre se esforçaram por alcançar. A pedra cristalina tem o poder de criar e destruir o universo conhecido, e ainda pode acabar com todo sofrimento e conflito ao mesmo tempo. Alguns dizem que o cristal tem uma mente própria... outros dizem que os deuses estão por trás de tudo.

Cada vez que o cristal apareceu, os seus guardiões estavam sempre prontos para defendê-lo de todos os que o usariam de forma egoísta. As identidades desses guardiões permanecem inalteradas e eles amam com a mesma ferocidade, independentemente do mundo ou do tempo.

Uma rapariga destaca-se desses guardiões antigos e é o objeto das suas afeições.

Ela possui dentro de si o poder do próprio cristal. Este é o portador do cristal e a fonte do seu poder. As linhas muitas vezes ficam borradas e a proteção do cristal lentamente transforma-se na proteção à sacerdotisa dos outros guardiões.

Este é o vinho do qual o coração da escuridão bebe. É a oportunidade de fazer os guardiões do cristal fracos e suscetíveis ao ataque. A escuridão anseia pelo poder do cristal e também a rapariga como um homem anseia por uma mulher.

Dentro de cada uma dessas dimensões e realidades, você encontrará um jardim secreto conhecido como o Coração do Tempo. Lá, a estátua de uma jovem sacerdotisa humana está ajoelhada. Ela está cercada por uma magia milenar que mantém o seu tesouro secreto escondido e bem preservado. As mãos da donzela estão estendidas como se estivessem à espera que algo precioso fosse colocado nelas.

A lenda diz que ela está à espera que a pedra poderosa conhecida como O Guardião do Coração de Cristal volte para ela.

Somente os Guardiões sabem dos verdadeiros segredos por trás da estátua e como ela surgiu. Antes que os cinco irmãos respirassem pela primeira vez, os seus antepassados, Tadamichi e seu irmão gêmeo, o irmão Hyakuhei protegeram o Coração do Tempo durante a sua história mais sombria. Por várias épocas, os gêmeos protegeram o selo que impedia o mundo humano de se sobrepor no reino demoníaco.

Essa tarefa era sagrada e as vidas dos humanos e dos demónios tinham que ser mantidas em segurança e em segredo.

Inesperadamente, durante o seu reinado, um pequeno bando de humanos acidentalmente atravessou o mundo demoníaco por causa do cristal sagrado. Durante um período de turbulência, os seus poderes causaram um rasgo no selo que separava as dimensões. Vendo os perigos, o líder do grupo humano e Tadamichi rapidamente tornaram-se aliados, fazendo um pacto para fechar o rasgo no selo e manter o dois mundos afastados um do outro para sempre.

Mas durante esse tempo, Hyakuhei e Tadamichi apaixonaram-se pela filha do líder humano.

Contra a vontade de Hyakuhei, o rasgo foi reparado por Tadamichi e pelo pai da rapariga. A força do selo tinha aumentado dez vezes, separando o perigoso triângulo amoroso para sempre. O coração de Hyakuhei estava quebrado ... Até o seu próprio irmão de sangue, Tadamichi, o tinha traído, certificando-se de que ele e a sacerdotisa eram separados para a eternidade.

O amor pode transformar-se na mais perversa das coisas, uma vez perdido. O coração partido de Hyakuhei encheu-se de raiva maliciosa e ciúme, causando uma batalha entre os irmãos gêmeos, terminando com a vida de Tadamichi e dividindo as suas almas imortais. Essas lascas de imortalidade

criaram cinco novos guardiões para assumir a guarda do selo e protegê-lo de Hyakuhei, que se tinha juntado aos demónios dentro do reino do mal.

Preso na escuridão em que se tornara, Hyakuhei desistiu de todo o pensamento de proteger o Coração do Tempo ... em vez disso, ele direcionou a sua energia para banir o selo completamente. Os seus longos cabelos escuros, alcançando além dos joelhos e um rosto pertencente apenas aos mais sedutores, escondiam o verdadeiro mal escondido dentro da sua aparência angelical.

Quando a guerra começa entre as forças da luz e da escuridão, uma luz azul ofuscante é emitida da estátua santificada sinalizando que a jovem sacerdotisa renasceu e o cristal ressurgiu do outro lado.

À medida que os guardiões são atraídos por ela e se tornam nos seus protetores, a batalha entre o bem e o mal realmente começa. Daí a entrada no outro mundo onde a escuridão é dominante dentro do mundo da luz.

Esta é uma das muitas aventuras épicas...

Capítulo 1 ‘Amor Secreto’

Hyakuhei ficou a olhar o Coração do Tempo sabendo que a sacerdotisa ainda estava do outro lado, no mundo dela. Os seus cabelos escuros como a meia-noite corriam pelo corpo como uma mortalha escura quando as suas asas se abriram amplamente, criando uma brisa através da erva macia. Os seus lábios perfeitos curvaram-se levemente num sorriso conhecido. Um brilho que contaminava formou-se no chão ao redor do santuário, dando-lhe uma aparência estranha.

Como se puxado por alguma força desconhecida, ele aproximou-se da estátua inaugural que estava com as mãos estendidas, como se perguntando algo. Os seus olhos ficaram suaves por apenas um momento, na lembrança da jovem sacerdotisa que a estátua imitava. Então os guardiões pensaram que podiam combinar os seus poderes e mantê-la longe dele?

Com um aceno raivoso da sua mão, a erva brilhante parecia sibilar ao brilhar com uma aura ameaçadora, e depois escondeu o engano do feitiço nas profundezas das suas lâminas.

– Bolas! Onde diabos está a Kyoko? Ela já deveria ter voltado há horas. rosnou Toya pela décima vez nos últimos trinta minutos. Ele passou a mão agitada pelas madeixas de prata que se misturavam com os seus cabelos escuros como a meia-noite enquanto olhava pela janela aberta na direção do santuário. Olhando para onde ninguém podia ver, ele deixou a preocupação deslizar no seu olhar dourado. Suki levantou os olhos de polir a baioneta, e era visível uma sobranceira a contorcer-se.

– Toya, Kyoko obviamente não voltará hoje à noite. Algo deve ter acontecido, então desiste e pára.

Ela voltou-se para Kamui, que estava sentado ao seu lado:

– Credo, ele não é capaz de se calar?

Kamui sorriu sabendo melhor do que dizer qualquer coisa em voz alta. Os seus olhos de poeira estelar escondiam a verdade atrás do facto de Toya estar a reclamar. Ser o guardião mais jovem não o tornava ingénuo. Em anos humanos, ele não tinha idade, assim como os seus irmãos. Ele sabia que Toya só agia loucamente para encobrir o facto que ele estava preocupado. Até ele estava a começar a ficar preocupado. Não era hábito de Kyoko mantê-los à espera. Os reflexos roxos no cabelo de Kamui brilhavam quando ele levantou o rosto para a janela e observava o céu escuro.

– É melhor que Kyoko volte de manhã, ou eu juro que vou para o mundo dela e a arrastarei de volta. – continuou Toya a andar. Ele não aguentava quando Kyoko estivesse fora por tanto tempo. Fazia dias agora, e ele estava a ficar mais irritado a cada minuto ... e preocupado.

– Rapariga idiota. – disse ele ao fechar a boca novamente quando Suki levantou uma sobranceira de aviso para ele.

A forma alta e silenciosa de Shinbe estava contra a parede onde ele estivera pela última hora. O azulado cinza do casaco dele deu uma leve contração com um movimento agitado que ele tentou esconder. Ele teve o suficiente do discurso de Toya sobre Kyoko estar atrasada. Os seus olhos de ametista fecharam-se na tentativa de evitar dizer a Toya para simplesmente se calar. Conhecendo Toya, ele provavelmente não deixaria ninguém ter qualquer paz até Kyoko voltar, e Shinbe mordeu a língua para não fazer o temperamento do seu irmão pior.

O guardião da ametista tentou ficar tranquilo como sempre, meditando e seguindo os ensinamentos do seu monge. A verdade era que os seus nervos estavam tão exaltados que no momento, mesmo a meditação não estava a funcionar. Agora, Shinbe sentia que poderia estrangular Toya e ainda sorrir sobre isso enquanto o fazia. O seu rosto calmo contraíu-se e ele abaixou a cabeça para que os seus cabelos azuis escuros como a meia-noite escondessem a evidência.

Quando Toya e os outros se começaram a preparar para dormir, Shinbe pegou num cobertor grosso de uma pilha no canto do pequeno abrigo e dirigiu-se à solidão. Ele realmente só precisava de ficar longe de todos, especialmente Toya. Shinbe escondeu bem o seu ciúme por Toya, e o amor por Kyoko pelo seu irmão. Dia após dia, ele ficou com o grupo, apenas para estar perto dela, para protegê-la ... mesmo que os seus olhos estivessem sempre em Toya.

Shinbe rangeu os dentes dolorosamente. Ele deveria ser como os seus outros dois irmãos, Kyou e Kotaro, e se separaram do grupo para lutar contra Hyakuhei por conta própria. Mas ele sabia que tinha que ficar com o grupo para mantê-la segura. Ele era um dos seus guardiões e ela precisava dele. Até Kyou e Kotaro a protegiam de longe.

Sim, Shinbe sabia que fazia bem, escondendo a sua atração por Kyoko. Ele tinha praticado por um longo tempo, até falando com outras raparigas ... especialmente se Kyoko estava ao alcance de ouvir e ver, para que ela nunca descobrisse o segredo dele. Eles achavam que ele amava todas as mulheres, pouco sabem eles que o seu coração pertencia a apenas uma, a sua sacerdotisa.

Geralmente ele escolhia Suki para conversar, sabendo que ela o aceitaria, e a dor ajudaria a estabilizar os seus pensamentos. Ele era um covarde quando se tratava de contar a Kyoko os seus verdadeiros sentimentos.

Ultimamente, estava a ficar pior para ele, mais difícil para ele se esconder. Kyoko confiava nele, sorria para ele. Ela falou com ele, muitas vezes confidenciando os seus sentimentos a ele quando ela o surpreendeu com as atitudes imaturas de Toya. Tudo o quebrou, pouco a pouco.

Sem perceber para onde ele tinha ido, Shinbe olhou para cima e suspirou. Ele estava no jardim do santuário inaugural. Sem nem se aperceber, ele queria estar mais perto dela. Kyoko não voltaria pelo portal do tempo tão tarde na noite ... então por que ele veio?

Estando no santuário inaugural, os seus olhos de ametista brilhavam no reflexo da lua. Shinbe decidiu que este era um lugar tão seguro quanto qualquer outro ... num mundo cheio de demónios de qualquer maneira.

Espalhando o cobertor na erva macia, ele não prestou atenção ao brilho sinistro da área. Subconscientemente culpando a iluminação na luz da lua. Deitou-se, fechou os olhos, e esperou pelos sonhos que ele sabia que viriam em breve, como sempre. Eles assombravam-no, fazendo-o querer que ela o visse, não como um guardião ou aliado ... mas como um homem.

Kyoko gemeu, resistindo à vontade de bater na testa como numa parede. A consciência dela começou a girar, e ela estava excitada o suficiente para argumentar com ela.

Ela não pretendia ficar bêbada com Tasuki e os seus amigos da faculdade. Tudo tinha sido um grande erro, e tudo culpa dela. Ela foi à festa de Halloween como prometera, sabendo que nunca beberia nada. NUNCA! Ela nunca o faria.

Ela rosou para si mesma, revirando os olhos. Como ela sabia que a enorme tigela de frutas do coquetel sentado ao lado da tigela de ponche estava embebida em álcool por dias? Ela pensou que deveria ter gosto de toranja e tinha comido muito antes de sentir os efeitos do álcool.

Kyoko tropeçou nos próprios pés, endireitando-se rapidamente antes que tivesse a oportunidade de cair.

– Isso é péssimo! – gritou sabendo que ninguém podia ouvi-la. Agora ela estava atrasada e sabia que iria ter muitos problemas com Toya. Só de pensar nele a gritar com ela já estava a ter uma dor de cabeça.

– Bem-vindo ao inferno ... população um. – murmurou Kyoko para si mesma enquanto pontapeava uma pedra.

Desesperada, esperava que Toya esperasse até a manhã antes de vir buscá-la. Ou melhor ainda, se ele aparecesse com a luz do dia. Tão bêbada como ela estava, ela mal podia ver direito, e ela não queria brigar com ele. Ela também não queria ir para casa. Ela silenciosamente gemeu. A sua mãe dar-lhe-ia uma lição por uma semana se descobrisse que estava bêbada, mesmo se tivesse sido um acidente.

Kyoko esforçou-se para ficar em linha reta enquanto caminhava. Finalmente, ela viu a sacerdotisa no santuário na clareira atrás da sua casa. Fechando um olho para que a estátua inaugural ficasse melhor focada, ela riu e pensou consigo mesma:

– Oh Deus, agora eu sei que estou bêbada.

Com um encolher de ombros, ela fez a única coisa que sabia fazer. Ela entrou na casa do santuário, até a estátua da donzela estava e inclinou-se perante ela na esperança de passar com segurança para a outra dimensão a tempo de desmaiar.

Shinbe estava mais uma vez tendo um sonho muito erótico com Kyoko a contorcer-se debaixo dele, gritando o nome dele repetidamente, gritando quando ele se encostava nela, olhando para o rosto dela e dirigindo todos os pensamentos a Toya.

Ele acordou sobressaltado ... o seu corpo começou a suar. Respirando com dificuldade, ele ainda podia senti-la debaixo dele, deixando-o amá-la e ela o amava de volta. Os gritos dela ainda ecoavam nos seus ouvidos. O seu coração ainda estava a bater tão rápido, tocando nas costelas da mesma maneira que ele estivera a tocar nela.

Shinbe sentou-se. Fechando as mãos, ele levantou-as para cobrir o rosto. Não era possível escapar, gritou no silêncio, cheio de dor e raiva escondida pela injustiça de tudo isso.

Tudo o que ele sempre quis foi amá-la, e isso foi devorando-o lentamente.

Ouvindo um estalo, Shinbe rapidamente puxou as mãos para baixo. O seu olhar de ametista examinou a área e veio parar em no rosto chocado de Kyoko. A sua mente parecia instantaneamente entrar devagar em movimento.

– Não, não poderia ser ... não agora, não aqui.

Os olhos dela estavam arregalados ao ouvir o grito dele, e a mão dela estava sobre a boca dela.

– Não ... vá embora, por favor. – implorou ele mentalmente. – Você não pode estar aqui, não está certo agora, é muito perigoso ... eu sou perigoso.

Shinbe observou enquanto ela abaixava a mão dos lábios, e com um olhar de preocupação no seu rosto.

Então, ele viu-a a balançar enquanto ela caminhava em direção a ele. Ele perguntou-se se ela era mesmo real, ou se ele ainda estava a sonhar.

Kyoko ainda estava a tentar ter certeza de que estava a ir na direção certa para chegar à cabana quando ouviu um grito quase desumano vindo de algum lugar perto dela. Os olhos dela focaram-se no seu redor enquanto ela tentava encontrar a fonte do som. O seu coração ainda estava acelerado com o susto que tinha causado. Então ela notou Shinbe deitado ali num cobertor na erva, sozinho. O grito assombrado deveria ter vindo dele.

Ela queria saber o que estava errado. Alguém tinha sido morto? Tinha que ser isso para tal som proveniente do guardião sempre calmo, legal e amigável. Ela tentou firmar as pernas enquanto ia até ele.

Shinbe gemeu ao ver Kyoko fazer a coisa mais estúpida que ele já a viu fazer. Ela caminhou direto para ele e ajoelhou-se, estendendo a mão para tocar a dele.

– Shinbe, o que é isso? Alguém está magoado?

Ele podia ouvir o medo na voz dela. Ela pensou que algo estava errado. Ele quase riu da veracidade nessa pergunta, mas pensou melhor. Ela não sabia o segredo dele. Ele ainda estava seguro, ainda podia esconder o seu coração dela.

Outra onda de tontura atormentou Kyoko sem saber, e ela não conseguiu manter o equilíbrio enquanto estava ajoelhada ao lado dele. Ela acidentalmente inclinou-se muito para a frente e caiu bem no colo dele. Abafando um riso, ela lembrou que algo estava errado com ele e abriu os olhos novamente tentando concentrar-se. Tudo isso parecia muito um sonho.

Kyoko de repente percebeu que o peito de Shinbe estava vazio. Os músculos estavam tensos, ondulantes, e esticados sob as palmas das mãos. Ela nunca o tinha visto sem camisa antes e estava espantada. Ela corou, sabendo que não deveria estar pensando nele dessa maneira. Ele era o guardião dela e também amigo.

Tentando ficar sóbria, Kyoko balançou a cabeça, o que realmente não ajudou. Ela lentamente levantou o olhar na direção dele. Ele não se mexeu nem um centímetro e ainda não tinha dito a ela o que estava errado. Agora ela desejou que sim, porque o olhar no seu rosto estava a começar a assustá-la.

O corpo de Shinbe estava a tremer quando ele se conteve de tocá-la. Algo com mais poder que ele parecia estar a empurrar, exigindo que ele alcançasse e pegasse o que queria mais que a respiração. Ele estaria bem, mas agora ela estava aqui no colo dele, olhando fixamente para os olhos dele. Os olhos que ele conhecia tinham que estar cheios de dor, e ela queria saber o que estava errado.

Definitivamente algo estava errado com ele e ele não conseguia parar o que parecia estar a girar rapidamente fora do seu controlo.

– Eu não aguento mais. – disse com a sua voz áspera com a força da sua emoção a crescer.

Com essas palavras, ele estava a tentar avisá-la, tentando dizer a ela para fugir, voltar para o outro lado do portal do tempo onde ela estaria segura. Não voltar até que ele pudesse guardar o seu segredo de forma controlada, escondendo-o mais uma vez. Todos os seus sentidos gritavam que algo estava errado, mas a sua mente não podia lutar contra essa fome intensa.

Kyoko ofegou, ouvindo as suas palavras entrelaçadas com tanta dor, e isso a entristeceu. Todos disseram para ser equilibrado, que era a cola que mantinha o grupo unido. Até ela olhava para ele e adorava quando ele estava perto e ela podia sentir a sua calma, o seu humor e preocupação. Mas agora era o contrário. Ele era o único que precisava de conforto.

Deve ser toda a luta contra demónios ... Hyakuhei ... o seu feitiço. Oh Deus, a sua feitiço ... o vazio dimensional que seria uma morte prematura para ele. O poder supremo que Hyakuhei tinha dado a ele, sabendo que um dia o destruiria. Ela não tinha esquecido. Ela apenas tentou muito não pensar sobre isso, mas ela sabia o que aconteceria se eles não parassem Hyakuhei.

Kyoko estendeu a mão para ele, tentando melhorar e facilitar a sua mente.

– Está tudo bem, Shinbe. Estou aqui.

No momento em que a mão dela tocou o seu rosto, ele voltou à vida.

Toda a lógica havia cessado e o controlo de ferro de Shinbe quebrou. Ele agarrou-a pelos ombros e rolou até que ela ficasse presa debaixo dele. Debruçado sobre o corpo dela, ele tinha tudo o que sempre queria ... Kyoko. Sem outro pensamento coerente, os seus lábios caíram rapidamente, reivindicando os dela de forma possessiva, bloqueando todo o resto da sua mente. Ele manteve esse sentimento sob controlo por muito tempo.

Shinbe reconheceu que ele pode ter perdido o controlo da situação algumas vezes anteriormente.

Em algum lugar no fundo da sua mente, o pensamento surgiu que ela tinha gosto de algum tipo de álcool, e ela cheirava a isso também. Controlando-se o suficiente para levantar uma polegada, ele olhou para ela, tentando dizer se era verdade. Procurando o seu rosto, os seus olhos e as suas bochechas coradas, ele zelosamente perguntou-se quem a havia embebedado.

Kyoko sabia que isso realmente não estava a acontecer. De jeito nenhum ela estava olhando para os olhos muito bonitos do ametista Shinbe. De jeito nenhum ele estava a olhar para ela como ele a queria.

Kyoko argumentou consigo mesma que provavelmente estava deitada na erva com a cabeça ainda apoiada na estátua da donzela. Em algum lugar desse sonho, ela podia ouvir Hyakuhei a rir dela. Ela poderia jurar que se lembrava de deslizar pela estátua da donzela e adormecer.

Ela provavelmente estava desmaiada agora e a ter um sonho, e a sua mente bêbeda tinha escolhido Shinbe para se juntar a ela, em vez de Toya.

Kyoko mal balançou a cabeça, sentindo-se tonta e suspirou as palavras ‘Sonhos loucos’, enquanto ela olhou fixamente nos olhos vidrados de paixão de Shinbe. Os seus lábios ainda formigavam pela força do beijo no sonho.

Shinbe baixou os lábios nos dela novamente. Ele tinha ouvido o suficiente. Kyoko pensou que estava a sonhar.

Shinbe só esperava que ela estivesse certa. Mas de qualquer maneira, ele não conseguiu parar. Ele não conseguia parar, mesmo que ele tentasse e tornou a beijá-la. Ela separou-se com um pequeno gemido ... um som que apenas endureceu-o ainda mais, se isso fosse possível.

Ele começou a suar tentando se conter enquanto o seu sangue de guardião emergia. Ele queria ir devagar enquanto ele aprofundava o beijo, invadindo-a, pegando e agarrando-a no calor do beijo.

Ele sempre quis beijá-la assim, para sempre parecia.

Os músculos dos seus braços flexionaram quando ele se sustentou acima dela, fazendo amor com os seus lábios e além. As mãos dele estavam impacientes enquanto tentavam livrá-la das suas roupas. Dentro de apenas alguns poucos minutos, ela ficou deitada debaixo dele, completamente nua. Ela não lutou quando ele levou as roupas dela. Por que ela iria? Foi um sonho ... certo?

A respiração de Shinbe parou quando ele olhou para ela, assim como ela apareceu apenas dentro do seu sonho alguns minutos atrás. Ela era sua sacerdotisa ... o seu segredo ... o seu amor. Ele deslizou o seu corpo contra o dela, amando a sensação da sua pele sedosa, aguçando a sua dor e sua necessidade de tê-la, de fazer amor com ela.

– Tem que ser um sonho. – tentou convencer-se.

Ele baixou a cabeça para acariciar o seu pescoço, lambendo e beijando a sua pele, provando-a gentilmente e à força. Ele mostrou a ela o quanto a amava enquanto descia no corpo dela. Isso seria a única vez que ele veria e provaria tudo dela. Um calor cortante disparou através dele quando ela se arqueou contra ele, gemendo quando ele puxou o peito dela para dentro da sua boca, lambendo-o com a língua, trazendo seu corpo à vida.

Mais de metade dos seus desejos foram cumpridos quando Shinbe deslizou com beijos na sua barriga esticada e ela se contorcia debaixo dele. Os seus músculos saltaram quando ela o agarrou, tentando se aproximar ainda mais.

Shinbe estava o mais perto do céu que ele jamais poderia chegar, com a essência dela à volta dele. Polegada por polegada lentamente, ele rastejou de volta para cima dela.

Instalando-se entre as pernas dela, ele estremeceu de necessidade quando o calor da abertura dela aqueceu a cabeça latejante de sua masculinidade inchada do seu corpo.

Ele queria que ela o visse enquanto dirigia dentro dela, mesmo que isso foi um sonho. O seu corpo endureceu, apertou em torno do dela.

– Abra os seus olhos. – sussurrou. A sua voz era hipnotizante, uma sedução deliberada e, ao abrir aqueles incríveis olhos cor de esmeralda, ele empurrou para frente, enterrando-se rapidamente no punho dentro do seu calor, querendo salvá-la da dor da sua primeira vez. Um grito angustiado rasgou da seu garganta quando ele sentiu o seu laço de sangue ceder a ele.

A sua tensão agarrou-o com força dentro do seu calor sedoso, atraindo-o ainda mais fundo. Se isso não fosse pelo seu autocontrole teimoso, ele teria saído da sua pele naquele momento. Ele trincou os dentes num esforço para ficar parado, respirando com dificuldade enquanto a observava

balançar a cabeça de um lado para o outro lado, lábios a abrirem-se silenciosamente. Rapidamente, ele reivindicou os seus lábios antes que o grito pudesse escapar dela.

Depois que a sentiu acalmar-se, ele se afastou do beijo. Entrando no primeiro lento, mas difícil, impulso profundo, ele foi recompensado com os quadris dela chegando ao encontro dele quando a sua própria paixão começou a chama. Ele inalou os seus gemidos de êxtase, saboreando-os como as memórias queridas que ele sabia que eles se tornariam. Dando a sensação dela envolvida em torno dele, ele soltou a sua restrição. Ele queria fazer amor com ela, sem esconder nada.

Enlaçando os dedos nos dela, ele puxou as mãos dela por cima da cabeça e as segurou contra o cobertor macio. Shinbe levantou-se acima dela para poder vê-la apaixonada com as suas expressões ao ele começou um ritmo que rapidamente levou os dois ao extremo. Profundos e rápidos golpes transformaram-se em fortes movimentos lentos antes de fazer uma pausa para se esforçar contra ela, apenas para recuar rapidamente e então tocar nela novamente.

Shinbe podia sentir as muitas vezes em que alcançou o seu pico enquanto espasmos assolavam o seu corpo. Ele podia senti-los quando ela o apertou ainda mais. Todo o seu corpo brilhava ao luar de segurar a sua própria libertação. Estava a ser demasiado para ele, até que finalmente ele não aguentou mais, e sabendo que ela estava a atingir o seu auge novamente, ele estabeleceu um ritmo que abalou os dois.

Levando os dois ao limite, ele deu um impulso final, o mais profundo que pôde e segurou-o, jogando a cabeça para trás. O som que lhe foi arrancado não era humano nem imortal. Isto era dor e prazer, o cume de ambos, quando a semente dele disparou no seu corpo... profundo, quente e firme com o batimento cardíaco.

Uma vez que o mundo estava novamente parado, Shinbe olhou para Kyoko apenas como uma paixão e um sorriso vidrado apareceu nos seus lábios inchados e os seus olhos se fecharam lentamente. Já sentindo o coração partido pelo que ele acabara de fazer, Shinbe baixou os lábios nos dela e sussurrou a verdade contra eles:

– Eu amo-te.

Algum tempo depois, no meio da noite, Shinbe acordou e encontrou Kyoko vestida, mas dormindo ao lado dele no cobertor na erva cintilante.

Não querendo acordá-la e enfrentar os seus pecados ainda, ele silenciosamente carregava o sono sacerdotisa, juntamente com a mochila que ela carregava, dentro das paredes da cabana onde o resto do grupo ainda dormia.

Depois que ele a tinha colocado no seu lugar habitual entre a parede e Suki, ele deslizou lentamente na parede oposta, puxando os joelhos até o peito, mais feliz e com mais medo do que nunca alguma vez teve na sua vida. Mas se ele morresse nas próximas duas horas, ele morreria feliz.

Shinbe fechou os olhos e perguntou-se o que seria pior, Kyoko lembrando, ou ela não lembrando. Ele sabia que nunca amaria outra, pois era preciso ter um coração para amar, e ele não tinha coração. Ele já tinha renunciado isso. Kyoko carregava o seu coração desde o primeiro dia em que ele pôs os olhos nela.

Se ele não morresse pelos punhais de Toya pela manhã, ele sabia que ficaria exatamente onde estava, secretamente amando-a, e esperando que ela notasse.

Capítulo 2 ‘Sustos matinais’

Shinbe acordou sobressaltado quando ouviu o grito de Toya. Ele sentiu todos os músculos no seu corpo a encolher só ao pensar em se transformar nos punhais gêmeos de Toya. A fascinação mórbida fê-lo abrir lentamente os olhos de ametista para ver o que estava a acontecer.

– Cala a boca! – Kyoko gritou, levantando a mão para cima e lançando o feitiço de doma, e então instantaneamente agarrou a cabeça em pânico quando a dor disparou pelo seu cérebro.

– Para que foi isso? – rosnou Toya quando ele olhou para ela do chão.

– Ui. – disse quando ela se encolheu novamente.

– Shhh. – acrescentou esperando que ele recebesse a mensagem.

Shinbe suspirou, sabendo que Kyoko provavelmente estaria de ressaca, e Toya não estava a ajudar ao ser tão barulhenta. Ele estava feliz que ela pudesse paralisá-lo, mesmo que ele achasse estranho que o feitiço de domesticação só funcionasse em Toya. Às vezes, ele ficava com ciúmes de que ela pudesse lançar o feitiço em Toya. Também não ajudava que Toya fosse a única pessoa que pudesse voltar atrás e avançar no tempo, seguindo-a no seu mundo natal. Na mente de Shinbe, isso apenas trazia aqueles dois ainda mais perto.

Ele silenciosamente perguntava-se se ela se lembrava da noite passada, considerando o quão embriagada ela estava.

Shinbe fechou os olhos, sentindo o seu interior apertar quando Toya bateu em Kyoko por usar o feitiço. Até agora, tudo parecia normal. Ele refletiu de volta, tentando se lembrar de tudo claramente. Ele achou estranho que, mesmo para ele, a noite passada parecesse quase um sonho.

Ele lembrou-se que pouco antes de trazê-la para a cabana, ele usara um feitiço de escudo neles para encobrir qualquer perfume de fazer amor, se fosse perceptível. Ele abriu os olhos novamente, saber esconder-se não ajudaria se ela se lembrasse do que aconteceu. Então Shinbe esqueceu de respirar enquanto observava Toya se aproximar de Kyoko, cheirando-a.

Toya torceu o nariz para ela.

– Kyoko, eu sinto cheiro de álcool? – Ele sentou-se na frente dela quando a ouviu a queixar-se, e sentiu-se culpado. As mãos dela ainda estavam a cobrir o rosto. – O que diabos, Kyoko? Ficou bêbada?

Toya não conseguiu impedir a voz de subir um pouco, e ele fechou a boca quando ela empurrou as mãos para baixo e deu-lhe um olhar mortal.

– Toya, desculpe-me. Mas se você não sair da minha frente agora, eu vou fazer algo e vocês os dois vão se arrepender. – Os olhos de Kyoko estreitaram-se. Ela levantou a mão como se fosse lançar o feitiço novamente, fazendo Toya recuar rapidamente e rosnar de aborrecimento.

Shinbe não pôde deixar de sorrir quando Kyoko colocou Toya no seu lugar. Ele escondeu-o atrás de um rápido ataque de tosse. Às vezes esses dois podem ser tão ... divertidos.

Outra tosse chamou a sua atenção. Inclinando-se para olhar ao redor de Toya, ele viu Kamui tendo o mesmo problema de tentar esconder o seu sorriso.

– Bolas! Ela pode ser muito, muito assustadora, às vezes. – pensou Toya enquanto colocava as mãos nas mangas soltas e virava o rosto para o lado. – Tudo bem, podes dizer-me isto mais tarde! – olhou para ela pelo canto dos olhos dourados, sabendo que ele havia dito aquilo um pouco alto demais. Pulando, ele saiu pela porta, não querendo ficar por perto se ela tentasse 'domá-lo' novamente. Foi uma coisa boa que o feitiço estúpido não durou muito tempo ou ele estaria a sofrer.

Suki não disse uma palavra enquanto observava Kyoko maravilhada. Quando Toya finalmente saiu, ela caminhou suavemente até Kyoko. Curvando-se, ela sussurrou:

– Kyoko, eu vou buscar-te um pouco de água fresca, ok? Deita-te e eu já volto.

Ela colocou a mão levemente no ombro de Kyoko balançando a cabeça, imaginando como a inocente Kyoko poderia ter ficado bêbada. Decidindo que esperaria para perguntar, ela virou-se e saiu da cabana para ir buscar um pouco de água para a amiga.

Kamui não pôde deixar passar a oportunidade e sorriu de orelha a orelha.

– Kyoko, eu não posso acreditar que tenhas saído para beber e não me tenhas convidado. – O seu sorriso alargou-se ainda mais quando Kyoko deu um olhar de soslaio. Sentindo Kaen do lado de fora à espera dele, ele deixou a cabana para se juntar ao seu amigo Kyoko que gemia quando a sua cabeça latejava. Ela deveria ter pedido ajuda a Suki para examinar a mochila dela. Ela sabia que teria algo ali por causa da dor, e se pudesse encontrá-lo agora, ela provavelmente aceitaria tudo. Ela viu uma sombra cair sobre ela e virou-se para ver o olhar ametista de Shinbe a observá-la.

De repente, imagens dele acima dela, fazendo amor com os seus lábios e corpo corriam através da mente dela.

– Foi um sonho ... certo? Um sonho bêbado, sim ... – lembrava-se agora. Ressaca ou não, ela não pôde evitar o que estava a pensar e sentiu o rubor quente subir para manchar as suas bochechas. Ela ficou instantaneamente grata por um de seus poderes de guardião não poder ler mentes, como Kyou podia.

– Kyoko, você está bem? Existe algo que eu possa fazer por ti?

Shinbe sentiu-se culpado por saber que ela pensava que era um sonho, como dissera na noite anterior. Mas ele precisava saber se ela se lembrava de qualquer coisa. Pelo rubor que se espalhou pelo seu rosto, ele pensou que talvez sim. Quando ela finalmente falou, ele suspirou de alívio e miséria. Em algum lugar no fundo, ele esperava que ela se lembrasse e pusesse um fim a tudo.

Kyoko deu um sorriso fraco. Malditos sonhos ... Por que ela tinha que sonhar com ele, de todos os pessoas no mundo? Não era mau o suficiente que ela sonhasse com ele antes dessa maneira, mas ela nunca sonhou com ele e acordou apenas para estar tão perto dele que ela podia sentir o seu corpo quente.

De repente, ela recostou-se, afastando-se daquela proximidade, com os seus olhos esmeralda arregalados. Houve algo na maneira como ele a olhava, como se estivesse à procura dentro da própria alma dela. Ou pronto para recebê-la ... com Shinbe nunca se poderia ter certeza. Ela sacudiu mentalmente a cabeça.

– Não quero ir lá, Kyoko, rapariga, agora não! Pensa, qual foi a pergunta?

– Hummm ...

– Shinbe, importar-se-ia de olhar através da minha bolsa e encontrar a caixa em que mantenho ervas? – colocou as mãos na cabeça novamente, tentando reprimir a pancada. 'Nota para si mesmo ... nunca, nunca, vá para uma festa com Tasuki e os seus amigos de fraternidade novamente. '

Shinbe procurou na sua bolsa a caixa de ervas. Puxando-a, ele entregou-a a ela.

Kyoko acidentalmente passou a mão pela dele e Shinbe teve um repentino golpe de calor através de seu corpo, causando uma certa parte dele endurecer.

'Oh, como ela estava vulnerável agora, ele poderia apenas ... NÃO! O que ele estava a pensar?'

– Deuses ... eles estavam certos quando o chamaram de pervertido. Tentando afastar-se rapidamente a uma distância mais segura, ele acidentalmente roçou o braço contra a coxa dela.

Kyoko encolheu-se interiormente com o contacto. Porque tinha ele de ser o único a ajudá-la agora? Por que Toya ainda não podia estar aqui olhando e gritando com ela.

– Aqueles lábios, aqueles olhos, eu tenho de parar de olhá-lo assim!

Ela voltou o olhar para a caixa de ervas enquanto se atrapalhava com dele, procurando a aspirina que ela normalmente mantinha dentro. Encontrando-a, ela levantou o pequeno comprimido.

Shinbe olhou para ela, hipnotizado. Ela não tinha tentado castrá-lo ainda, então não devia lembrar-se.

– Por que ela não se lembrava? – suspirou silenciosamente.

Ela olhou de volta para ele, estabelecendo contacto visual que quase deixou o seu cérebro morto por um tempo.

– Água? Por favor? Não tens ideia de quão nojento isso é sem ela.

Shinbe ficou completamente perturbado enquanto a observava dizer as palavras. Os seus lábios eram tão convidativos ... ele poderia simplesmente ... ele abaixou-se ... ele olhou para a aspirina que ela segurava na mão. Focou a sua atenção.

– Sim, eles parecem pequenas coisas desagradáveis. – disse ele, olhando-os, mesmo que não tivesse ideia o que eles eram. A porta abriu-se de repente e ele virou a cabeça com força para ver Suki e Kamui entrando com o jarro de água.

Suki olhou para Shinbe, cansado:

– O que está a aprontar, guardião?

Shinbe recuou imaginando se Suki poderia secretamente ler a sua mente ou algo assim. Ela teve um jeito estranho de saber exatamente quando ele se estava a comportar mal ... ou pelo menos a pensar nisso.

– Oh Suki, por favor, dá-me um pouco de água rapidamente. Quanto mais cedo eu tomar este medicamento, mais cedo me sentirei melhor. – disse Kyoko sabendo que Shinbe não estava a fazer nada de errado.

– Kyoko ao resgate! – Shinbe manteve a alegria para si mesmo.

Suki derramou um pouco de água na sua chávena e começou a conversar sobre como Toya estava a ter uma birra por ela não voltar mais cedo ontem à tarde.

Shinbe encostou-se na parede, observando Kyoko, e meio ouvindo a conversa.

–...Se ele gritasse comigo mais uma vez, eu pensava que ia ... abraçar e beijar sem sentido... ele é um valentão tão arrogante ... Eu quero-te tanto, Kyoko... e a maneira como ela se movimenta ...

Shinbe ficou inquieto, imaginando por quanto tempo ele poderia manter o seu segredo, agora que ele sabia o dela.

– Não está certo, Shinbe?

– Hã? Alguém fez uma pergunta? – olhou Shinbe de Suki para Kyoko enquanto ambos olhavam para ele à espera da sua resposta.

Não tendo ideia do que eles estavam a falar, ele tomou o caminho seguro:

– Ora, sim. Acho que estás absolutamente certo, Suki. Se me deres licença, tenho que ir falar com Toya. – Com isso, ele rapidamente escapou pela porta.

Suki e Kyoko observaram a porta fechar atrás dele, e as duas raparigas riram.

Shinbe chegou ao exterior da pequena estrutura e rapidamente inclinou-se para frente contra a parede. Ele colocou as mãos contra a madeira fria de cada lado da cabeça e depois bateu com a testa contra as pranchas de madeira. A dor sempre parecia ajudá-lo a clarear a sua mente. Isso foi apenas diminuído esta manhã. Depois da noite passada, ele não conseguiu recuperar os sentimentos sob o seu controlo. Isso foi pior agora do que nunca.

Ele realmente não queria chatear Suki para que ela o batesse, apenas não parecia certo fazê-lo depois de tocar o corpo de Kyoko. Ele temia que nunca fosse capaz de tocar noutra pessoa que não ela, sem querer arrancar a sua própria mão. Ele havia escolhido a sua companheira e ela nem sabia disso.

Toya estava a cerca de um metro e meio de distância, observando o irmão e sentindo as ondas de culpa a se dissiparem nele. Uma das vantagens de ser um guardião era que você podia sentir coisas sobre as pessoas ao redor de quem você gosta como um detetor de mentiras do mundo de Kyoko.

Ele ergueu uma sobrancelha escura:

– O que fizeste, chateaste Suki de novo? – franziu Toya a sobrancelha para o irmão, vendo-o recuar com a sua voz.

Shinbe lançou um olhar assustado e os olhos violeta escuro para Toya e afastou-se da parede, endireitando-se ele mesmo.

– NÃO! Eu ... bem, sabes ... – Shinbe franziu a testa com a sua própria gaguez. Ele rapidamente forçou-se a acalmar-se, mais uma vez ganhando compostura. – Eu estava aqui fora, então eu não faria barulho e incomodaria a ressaca de Kyoko. – disse com um tom sábio na voz, esperando que Toya seguisse o mesmo conselho.

Toya rosou no fundo de sua garganta.

– Eu ainda quero saber como diabos ela acabou bêbada. Acho que vou descobrir agora.

Ele começou a passar com raiva dele, depois parou quando Shinbe estendeu a mão e agarrou o seu braço com um aperto firme. Toya fez uma careta para a mão oposta, imaginando o que seu irmão pensava que estava a fazer.

Shinbe viu luzes prateadas saltarem nos olhos dourados de Toya e rapidamente soltar o seu braço.

Com uma voz firme, ele aventurou-se:

– Se eu fosse a ti, ainda não faria isso, a menos que gostes do sabor do chão. – Ele escondeu o seu sorriso quando sentiu a lembrança do feitiço doméstico de Toya.

Toya deu a seu irmão um olhar pensativo antes de virar as costas para a porta murmurando:

–Ela deveria saber melhor do que entrar nesse estado para começar.

Ele de repente encolheu-se segurando a cabeça onde Suki tinha acabado de trançá-lo com a sua arma assassina quando ela saiu pela porta atrás dele.

– Ai, o que diabos foi isso? – olhou Toya para ela.

Suki levantou-se, dando a ele um olhar de 'Sabes o que era aquilo?'. – Não exageres na proteção. – olhou para ele, sabendo que ele nunca a magoaria. – Kyoko me contou o que aconteceu ontem à noite.

Shinbe sentiu a sua vida começar a passar diante dos seus olhos. Ele parou de respirar, esperando que Toya o matasse.

Suki continuou:

– Os seus amigos, do outro lado do coração dos tempos, levaram-na a uma reunião onde havia álcool – ela fez uma pausa –, ela não bebeu nada. Em vez disso, ela comeu um muita fruta, só para descobrir que estava embebida em álcool muito forte. – e os seus lábios contraíram-se.

– Mas nessa altura ela já estava bêbada.

Toya rosou e virou-se, começando a entrar e gritar com ela pela sua estupidez, mas novamente recebeu um golpe entorpecedor de Suki.

– Deixa-a em paz, ela apenas agora voltou a dormir. E eu não acho que ela seja capaz de ir a qualquer lugar hoje. Então, sugiro que a deixemos aqui para descansar. Podemos procurar o talismã de cristal sem ela por um dia.

Ela virou-se para olhar para Shinbe, perguntando-se por que ele estava a agir tão estranho. Ele costumava tentar apalpar ela pelo menos dez vezes antes do meio dia.

– Shinbe, estás bem esta manhã? – parou mais perto e olhou para o seu rosto pálido, vendo os seus olhos a estarem um pouco excessivamente brilhantes demais.

Shinbe voltou à vida quando percebeu que Suki estava perto do seu rosto. Ele rapidamente deu um passo atrás, então ocorreu-lhe o que ela havia dito. Ele deu um suspiro suave, balançando a cabeça.

– Na verdade, Suki, não, eu também não me estou a sentir muito bem.

Ele também não precisou fingir, porque estava perturbado como ele estava desde a noite passada, e ele realmente sentia como se estivesse a perder a cabeça.

Toya torceu o nariz para o irmão.

– Sim, realmente pareces uma porcaria. Talvez te deixe aqui para cuidar de Kyoko.

Ele então focou os olhos de ametista no guardião.

– Mas se tocares nela, ela vai me dizer.

Sabendo que o seu aviso havia sido ouvido alto e com bom som, Toya voltou-se para Suki.

– Queres ir buscar Kamui, ou devo ir eu? – questionou, não realmente querendo sentir a arma dela na cabeça dele novamente.

Suki encolheu os ombros:

– Eu vou buscá-lo. Tu – enfiou ela o dedo no peito dele – ficas aqui.

Shinbe engasgou-se com o riso tentando lembrar-se que estava doente. Como ele conseguiu isso? Como guardião, Toya deveria saber que os guardiões não adoecem ... pelo menos ele nunca soube de quem tenha sofrido disso. Ainda assim ... a ideia de ficar com Kyoko, de ficar sozinho com ela todo o dia ... bem, essa tentação foi demais.

Shinbe observou Toya encarar as costas de Suki quando ela foi buscar Kamui, mas ele ficou do lado de fora.

Em alguns minutos, Kaen juntou-se a eles, espiando Kyoko pela porta. Shinbe conhecia Kaen e que cuidaria de Kamui se eles tivessem algum problema. Guardião de um guardião, ele costumava provocar o seu irmão mais novo.

Shinbe observou o grupo até que eles sumiram de vista. Ele sentiu o seu corpo e mente relaxar pela primeira vez a manhã toda. Com um suspiro, ele virou-se e voltou para a cabana onde Kyoko estava a dormir.

Kyoko mexeu-se meia a dormir, a sua mente flutuando pela noite anterior. De volta à festa, tentando passar o pouco tempo que ela tinha no seu mundo com Tasuki. Ela realmente sentia falta dele porque este mundo ocupava muito do seu tempo. Ela estava tão focada nele que nem sequer tinha percebido que a fruta estava contaminada até que fosse tarde demais. Ela fez beicinho, imaginando se Tasuki sabia disso o tempo todo.

Ela não se lembrava muito de voltar ao santuário inaugural ou voltar aqui para a cabana para esse assunto. Ela lembrava-se de alguns dos sonhos que tinha tido com Shinbe... Kyoko deslizou dentro e fora do sono, os seus pensamentos continuavam como se não se importassem se ela estava acordada ou não.

Ela sempre gostou de Shinbe porque do seu pequeno grupo, ele era o mais divertido dos guardiões para estar por perto. E ele sempre poderia fazê-la rir sem nem tentar. Ele não era o tipo de homem que se contentaria com apenas uma mulher. Obviamente ele tinha problemas. Mas ultimamente ela começou a vê-lo sob uma luz diferente.

Kyoko adormeceu profundamente. Simplesmente não era justo. Ela amava Toya profundamente, mas ele raramente dava um vislumbre de sentimentos mútuos. Agora Shinbe, por outro lado, era uma história diferente. Quando Toya gritava com ela por pequenas coisas, Shinbe sempre parecia tentar fazê-la se sentir melhor.

Era quase como se, quanto pior Toya agisse, mais doce Shinbe se tornava, mas ele agia como se não fosse nada além de amizade. Às vezes ela se perguntava sobre ele, e provavelmente era isso que originou os sonhos que ela começou a ter com ele. Até a noite anterior, os seus sonhos haviam permanecido dentro dos limites da sanidade. O sonho da noite anterior tinha saído do controlo dela.

Ela sabia que Toya a amava à sua maneira, e provavelmente morreria por ela, mas ele recusava-se a mostrar os seus verdadeiros sentimentos. Ela sabia que ele se irritava tão facilmente e a mantinha ao redor era apenas a maneira de esconder o fato de que ele se importava com ela. Às vezes, ele escondia os seus sentimentos tão bem que ela quase acreditava nele. Ainda assim, ela deu consigo a comparar os dois homens. Ela estava sempre perto de Shinbe e Toya, e os dois guardiões tinham os seus pontos bons e maus.

Quando sonhava com Toya a beijá-la, era sempre suave e doce, e às vezes quente. Com Shinbe, sempre foi diferente. Muito diferente. Ela considerava-se uma mulher quando sonhava com Shinbe. Naqueles sonhos, ele beijou-a em lugares inimagináveis, e fez coisas ao seu corpo que ela nunca pensou que pudesse sentir-se tão bem.

Ela suspirou enquanto dormia. Mas eles eram apenas sonhos ... Kyoko enrolou-se numa bola e estremeceu com a lembrança do sonho da noite passada. O corpo dela tremia sob o dele quando

ele enlouqueceu num amor apaixonado por ela ... ela choramingou com a lembrança. Sonhando com Shinbe assim, quase a fez sentir como se estivesse a trair Toya.

– Não! – disse: – Toya nunca foi meu namorado. Portanto, eu não tenho um, e enquanto estiver na minha mente, posso pensar no que eu quiser ... inclusive nos meus sonhos.

O sonho tinha sido tão estimulante que, quando ela acordou, sentiu que iria derreter.

Quando ela o viu sentado contra a parede, como se nada tivesse acontecido, isso confirmou que era apenas um sonho. O que estava a acontecer na sua cabeça? Ela tinha que se controlar. Shinbe nunca poderia amar uma menininha inexperiente como ela. Ele era obviamente um homem do mundo, que provavelmente tinha conquistado mais mulheres numa noite do que ela podia contar os dedos das mãos. Ela fechou os olhos, recusando-se a pensar em outra coisa.

Shinbe voltou para a cabana relaxada e calma ... até que seus olhos caíram sobre ela dormindo.

Todo o seu corpo parou e ele ficou lá, apenas observando-a por alguns minutos. Ele a viu a tremer, deitado no tapete fino. Por que ela ainda não tinha a capa que ele colocou sobre ela na noite da última vez?

Ele olhou para onde ela havia empurrado a tampa do caminho enquanto lidava com Toya.

Ele silenciosamente aproximou-se e cobriu-a com o cobertor grosso e ficou ao lado dela enquanto ela continuou o seu sono inquieto.

– Porque ele tinha que se sentir assim? – suspirou quando se sentou, encostado na parede, observando-a. Ele sabia a resposta para isso. 'Shinbe, o homem que todos diziam por brincadeira não se levava as mulheres a sério, apaixonou-se por uma rapariga de outro Tempo.'

Ele olhou-a com saudade e depois apertou os lábios. Ela ia matá-lo quando ela se apercebesse que não era um sonho. Toya também ia matá-lo. Poderia ele morrer duas vezes por tal crime?

Encolhendo os ombros, Shinbe suspirou novamente:

– Sim ... sobre Toya.

Kyoko estava apaixonada pelo seu irmão temperamental. Ele podia sentir a culpa a subir pela sua coluna. 'Por que ela teve que calhar com quem nunca a trataria bem? Ele a amaria com tudo o que tinha. E daí se ele tivesse uma pequena feitiço sobre si ... Isso não deve ser muito estranho. Afinal, Kyoko havia dito a eles sobre o seu avô e a sua crença em maldições e demónios.

– Bolas, Toya.

Kyoko murmurou enquanto dormia. Ele olhou para cima para ver que ela estava de costas para ele.

O cobertor que ele colocou ao seu redor tinha escorregado. A saia acanhada que ela usava estava agora levantada, expondo o seu bem mais precioso. Um calafrio percorreu o seu corpo.

– Então ... muito tentador.

A sua mão estendeu-se para acariciar o material branco sedoso que obstruía ainda mais a sua visão. Ele cerrou os dentes, puxando a mão antes que os seus dedos fizessem contato.

– Ah, tão perto. Mas assim é a morte e gostaria de viver um pouco mais. – disse e deu uma risada ao colocar as mãos dentro do casaco dele. Ele tinha que decidir o que fazia daqui em diante, ou a sua vida poderia terminar um pouco mais cedo do que ele antecipava.

Ele diria a verdade num minuto, se ela não estivesse apaixonada pelo seu irmão. Ele sabia que não estava sozinho nos seus sentimentos por ela. Ela era sacerdotisa deles, e eles protegê-la-iam com a vida.

Todos os seus irmãos a amavam muito, cada um à sua maneira. Mas Toya era diferente. Toya nunca gostava de alguém. Shinbe tinha visto isso. Toya estava profundamente apaixonado por Kyoko, mesmo que ele não quisesse.

– Reconheça isso.

Shinbe fechou os olhos, sentindo-os começar a queimar. Ele não tinha o direito de amar Kyoko, ou outro alguém até. Ele tinha a capacidade de salvar todos eles em batalha. Tudo o que ele precisava fazer era lançar o feitiço de tempo, e ele poderia criar um vazio que sugava tudo no seu caminho. Foi

o seu maior poder e o seu pior inimigo. Toda vez que ele usava o feitiço perigoso, ele podia sentir isso ficando mais forte.

Todos o avisaram para não usá-lo, a menos que ele não tivesse outra escolha, porque um dia se tornaria forte demais para ele lidar e se voltar contra ele. O feitiço tinha sido um presente do seu tio ... o mesmo tio que era o inimigo. No começo, ele pensou que era um grande presente, mas agora ele percebeu que não era um presente. Era um feitiço. Uma que ele usaria para destruir aquele que tinha dado a ele ... mesmo que ele perdesse a sua própria vida no processo.

Shinbe bocejou. Quase não dormira noite anterior, nem depois de Kyoko chegar. Ele passou a maior parte da noite ouvindo Toya reclamar, porque ela não tinha voltado através do coração do tempo antes do anoitecer, como ela prometera.

A princípio, Shinbe preocupou-se que ela ainda estivesse zangada com Toya quando não voltara.

Ela gritou com Toya antes de sair porque ele tentou impedi-la de voltar para ela no tempo. Toya até ficou na frente dela, impedindo-a de entrar no santuário. No final, ela acabou por colocar esse feitiço nele várias vezes, mais do que Shinbe foi capaz de contar. Mas ela prometeu voltar antes do anoitecer no dia seguinte.

Shinbe sorriu ao lembrar como Toya havia combatido o feitiço, criticando o tempo todo sobre o que ele faria com Kyoko quando ele se pudesse mover novamente.

O seu olhar percorreu a forma de Kyoko. Por isso a achou tão irresistível. Ela poderia estar zangada com Toya por um minuto e amá-lo no próximo. Ela não guardava rancor, não importa o quanto ele a magoasse.

Quando Toya a conheceu, ele tentou matá-la. Agora as coisas haviam mudado, todos sabem que Toya a amava até a morte, morreria até por ela. Mas ainda assim ele fingia que não podia suportá-la e muitas vezes magoava os seus sentimentos. Era apenas a maneira de Toya esconder o seu coração.

Shinbe colocou os dedos sobre a ponte do nariz, tentando acalmar a mente. Sinceramente, ele sentiu-se mal por Toya e não pretendia realmente pensar coisas más sobre ele. É só que Toya teve uma chance com Kyoko e ignorou-a.

Ele teria morrido por uma oportinidade como essa. Ele tratá-la-ia como uma rainha, se ela deixasse. Foi por isso que ele perdeu a noite passada. A verdade era que ontem à noite ele tinha acabado de estalar. Agora depois da noite passada ... Shinbe fechou os olhos com força. Talvez ela estivesse melhor com Toya, depois do jeito que ele traiu a sua inocência.

Shinbe estremeceu quando Kyoko se mexeu mais uma vez durante o sono, expondo ainda mais a sua coxa. Ele olhou para a sua pele cremosa, as mãos tremendo sob o casaco. 'Por que ela tinha que ter tal pele bonita?' Ele sentiu-se a ficar mais sonolento enquanto observava o sono inquieto de Kyoko e lentamente rastejou pelo chão, nunca tirando os olhos da nuca dela. Ele sabia que se tivesse mais perto, ela iria acordar, rolar e dar uma chapada nele.

Por enquanto, tudo bem. Ele inclinou-se sobre sua forma imóvel para olhar para o rosto dela. Shinbe sorriu. Ela ainda cheirava a álcool.

– Não me incomodou ontem à noite. – sorriu.

Uma mecha de cabelo castanho-avermelhada agarrava-se ao seu ombro. Ele gentilmente abaixou-se e deslizou para o lado com um suspiro suave antes de se deitar atrás dela, aconchegando-se nos seus cabelos sedosos. Ele não ousou ficar mais perto por medo da morte, mas enquanto ela dormia, ele poderia pelo menos oferecer-lhe conforto. Ele argumentou consigo mesmo.

Se ela acordasse e o encontrasse lá, ele apenas explicaria como estava cansado, e que este era o único lugar para mentir ... enquanto mantinha um olho nela. Ele ficaria feliz mesmo se recebesse uma bofetada por isso. Valeria a pena, apenas para se deitar ao lado dela por algumas horas e descansar. Ele também estava exausto de se preocupar com as consequências enquanto os seus olhos se fechavam. Ele estava exatamente onde ele queria estar e queria condenar as consequências.

Kyoko choramingou sonolenta e virou-se sentindo uma lufada de calor. Ela puxou as mãos sob o queixo e aninhou-se nele. Quando ela inclinou a cabeça e parou contra algo sólido, ela suspirou, decidindo que provavelmente estava apenas a sonhar novamente. Testando a teoria, ela colocou uma de suas mãos na fonte de calor. Sim, muito sólido. Ela aconchegou-se mais perto no seu sonho, e no seu sonho, o calor envolveu-se à volta da cintura. Ela sentiu o cheiro de chá de jasmim e um aroma amadeirado e terroso.

– Por que não consigo tirá-lo da cabeça? Ele cheirava tão bem.

Lembrou-se da primeira vez que ele a abraçou. Ele pensou que a estava a salvar.

Ela sorriu enquanto dormia, ele era tão forte, e a sua preocupação pelo bem-estar dela era verdadeiramente doce, até se as razões dele não fossem completamente legítimas. Essa foi a primeira vez que ela notou o quão bem ele cheirava.

Ela estremeceu com a lembrança, e o objeto quente em torno da sua cintura apertou-se. Ela lentamente passou o braço em volta do calor e congelou quando ouviu o farfalhar distinto do material.

– O que? Farfalhar de material? Nos sonhos as coisas farfalham como roupas?

Kyoko estava subitamente acordada. Lentamente, ela abriu um olho e parecia confusa com um casaco cinza-azulado, as suas mãos que estavam entrelaçadas. E ela ... disparou como um foguete, batendo o braço com barulho. E ele, ele ... gemeu e virou-se de costas.

Kyoko estava em pânico, olhando de um lado para o outro. Ninguém mais estava aqui e isso definitivamente não era um sonho. Shinbe estava a dormir no seu tapete. Ela teve que pensar.

– O que... o que está a acontecer?

Ela olhou para ele parada como se congelada estivesse no local.

– Foi apenas um sonho, certo? Controla-te, Kyoko. – pensou freneticamente. – Onde está Toya? Suki? Kamui? Kaen? Para onde todos tinham ido?

A alma dela quase pulou do seu corpo quando Shinbe gemeu no seu sono e colocou as suas mãos dentro do seu casaco. Quando ela pulou, ela levou o cobertor com ela. Kyoko piscou os olhos e depois corou com culpa.

– Ele estava com frio.

Ela estava com frio também agora que estava de pé.

Lembrou-se de sentir como se estivesse a congelar sem parar enquanto tentava dormir. Foi por isso que ele se deitou ao lado dela? Para mantê-la quente? O seu rubor aumentou.

– Oh, isso era tão doce. – disse, balançando a cabeça de um lado para o outro. – Não, não, não! O que eu estou a pensar? Não doce, não doce. – suspirou, sorrindo suavemente para ele. – Desisto.

Ela lentamente e cautelosamente abaixou-se, segurando o cobertor e congelou quando ele se moveu de repente enquanto dormia. Ela recuou, esperando para ver se ele acordaria. Ele não o fez. Então, ela atirou rapidamente o cobertor sobre a sua forma adormecida, agarrou a sua bolsa e, em seguida, correu furiosamente para a porta.

Shinbe abriu um olho enquanto a observava recuar. Uma vez que ela estava fora de vista, ele riu interiormente:

– Outro golpe de sorte. – Então ele franziu a testa, perguntando-se por que não tinha uma impressão na sua bochecha de uma mão... ou o seu crânio rachado. Ele levantou-se lentamente e contou até dez, depois seguiu para ver onde Kyoko tinha ido.

Uma vez lá fora, Kyoko encostou-se a uma árvore próxima, percebendo que ela provavelmente deveria ter ficado na cama. O seu coração estava a bater forte e o seu corpo todo dolorido. Ela inclinou-se para massajar as pernas. Lembrou-se de dançar com Tasuki na noite passada depois de comer a fruta contaminada, mas parecia mais como se tivesse sido atropelada por um camião. Um bom banho quente nas fontes termais aliviaria os músculos.

Mais uma vez, fez uma anotação mental para nunca mais comer frutas numa festa. Então um pensamento ocorreu-lhe. Toya iria captar o perfume de Shinbe nas suas roupas. Ahh! A última coisa que ela queria fazer era colocar Shinbe em apuros quando ele nem fez nada. Ela tropeçou para longe

da cabana, gemendo com a ressaca prolongada, mas determinada a lavar não apenas a dor, mas também as roupas.

Toya rosou profundamente do fundo da sua garganta enquanto examinava a vila onde haviam chegado. Ele cerrou os dentes, sabendo que era tarde demais. A vila estava em frangalhos. Parecia que não importava o que eles fizessem ultimamente, eles estavam sempre um passo atrás de Hyakuhei e dos seus demónios. Ele fez uma careta, procurando sobreviventes na vila.

– Deve ter havido um pedaço do talismã escondido aqui para ele ter incomodado e destruído toda a vila.

Os olhos dourados de Toya ficaram turvos de preocupação.

– Precisamos ajudá-los. – disse Suki suavemente enquanto entrava na vila com Kamui ao lado dela. Ela inclinou-se para observar uma criança chorando que parecia estar sentada ali, perdida e sozinha.

Por um momento, Toya fechou os olhos perante aquela cena familiar enquanto o seu sangue fervia. Ele sabia que Hyakuhei tinha quase todas as peças do talismã em seu poder e não se importava com quem ele magoava para obter o resto. Afinal, Hyakuhei havia morto o seu próprio irmão. Agora os guardiões estavam a tentar proteger Kyoko do mesmo assassino.

Se Hyakuhei conseguisse reunir todas as peças do cristal, ele seria capaz de quebrar o mundo de Kyoko e levar muitos demónios com ele. Eles não podiam deixar isso acontecer. Ele sentiu um calafrio a percorrer a sua coluna e soube que algo estava errado.

– Kyoko. – a palavra ecoou na sua mente como um aviso.

– Vocês dois, fiquem aqui e ajudem. Eu tenho que ir ver Kyoko, agora! – gritou Toya, arrancando na direção de onde eles vieram. Ele sabia que algo não estava certo ... ele podia sentir isso claramente até na sua alma. Ele nunca deveria tê-la deixado sem a sua proteção, não com a do demónio Hyakuhei tão perto. Ele não conseguia se livrar do medo de perder a outra metade do coração.

– Eu não vou deixar ele tocar em ti. – prometeu Toya na sua corrida precipitada para alcançar Kyoko, antes que o perigo o fizesse.

Capítulo 3 ‘Beijo do ciúme’

Kyoko partiu na direção da água quente. Ela estava cansada, dolorida e mal podia esperar para apenas poder relaxar na água fumegante. Ela tropeçou numa pedra e perguntou-se se levaria semanas para recuperar o equilíbrio depois de ficar bêbada apenas uma vez.

– Bolas ... Credo, agora eu pareço o Toya. – disse para si mesma com um sorriso.

Shinbe seguiu em silêncio, espreitando por trás das árvores com muita frequência. Ele teve que sufocar o riso que ameaçou escapar dele quando ouviu o comentário sobre ela soando como Toya. Foi ótimo descobrir que ele não era o único no grupo que mantinha conversas completas com eles mesmos. Se ele estava louco, eles formaram um ótimo casal. Ele ficou tempo o suficiente para deixá-la ganhar alguma distância entre eles.

Finalmente, chegando à água quente isolada, Kyoko vasculhou a sua bolsa. Encontrando o que ela precisava, ela organizou os seus suprimentos de banho ao lado da água. Ela rapidamente se despiu, aliviando seu corpo dolorido na água fumegante.

– Umm, isso é tão bom.

Ela fechou os olhos e esfregou as pernas, tentando aliviar o aperto que demorava a sair. Finalmente satisfeita, ela deitou-se na água e ficou completamente relaxada.

Shinbe encostou-se a uma árvore enquanto observava fascinado o ritual diário dela. Ela era graciosa e pura ... de repente ele sentiu-se culpado novamente pelas suas ações. Ele virou as costas para aquela cena e colocou a mão sobre o coração, onde a dor parecia diminuir.

Ele não deveria estar aqui ... ele não era um bom homem. Ela estava quase a odiá-lo quando ela percebeu o que ele tinha feito com ela. Ele franziu a testa quando o peso no peito se tornou muito mais pesado.

Mas, ainda assim, ele não pôde resistir ao desejo de se virar e olhar com saudade. Ele suspirou ansiosamente enquanto a observava afundar na água.

– Isso é muito melhor do que a pequena banheira em casa no mundo moderno. – quebrou Kyoko o silêncio enquanto ela olhava em volta. Era mais como uma piscina escondida. Este local era tão tranquilo e isolado. Árvores e pequenos arbustos cercavam a água quente, dando a ela absoluta privacidade.

– A pedra de um dos lados seria agradável para se bronzear. – pensou aleatoriamente com um sorriso. Ela cantarolava satisfeita enquanto flutuava em cima da água.

Depois de flutuar na água por um momento, ela decidiu que seria melhor continuar com a parte da limpeza. Ela ensaboou os cabelos e depois mergulhou na água para enxaguar, chegando a um respingo, apenas para colocar mais coisas no cabelo e fazer de novo. Então, antes de sair, ela tirou um tempo para esfregar as roupas até limpas, esperando que o sol as secasse rapidamente.

Aproximando-se, Shinbe observou atentamente a segurança de um arbusto a cerca de três metros de distância.

Ele observou as curvas do corpo dela.

– Deus, ela era linda ... como uma deusa emergindo da água.

Ela amarrou um pano ao redor da parte superior do tronco antes de enrolar um ao redor do cabelo e lentamente ela secou o corpo.

Ele viu-a tomar banho em segredo muitas vezes antes, mas nunca foi capaz de ficar por aqui tempo suficiente para apreciar esta parte. Geralmente alguém vinha procurá-lo antes que ela tivesse tempo de terminar. Ele suspirou enquanto ela passava o pano lentamente pelas suas longas pernas. Cerrando os dentes até doerem quando ela colocou aquelas pequenas peças de roupa que cobriam seus lugares mais preciosos. Isto era tudo o que ele podia fazer para não dar os poucos passos que a colocariam a uma curta distância.

De repente, um som esmagador veio do lado oposto das fontes termais. Shinbe ouviu, e Kyoko também, porque ela ficou parada no lugar. Ambos ouviram atentamente mais sons. Outro galho estalou, mas desta vez veio de um arbusto mais próximo de Kyoko. Ele assistiu em horror enquanto Kyoko caminhava direto para um grande arbusto, segurando a toalha na frente dela como um escudo e chamou-o.

– Ok, Shinbe! Eu sei que és tu! Vem ... para que eu te possa dar uma chapada!

Kyoko esperou, olhando para o arbusto cansado. Shinbe era um conhecido mirone. Ela levantou uma sobrancelha em aborrecimento, e ele era o único por aí ... O arbusto tremeu suavemente.

– Eu sei que estás aí, e quando Toya descobrir que estás a vigiar-me, ele provavelmente vai te matar. Sem mencionar, tenho certeza que Suki também vai bater em ti.

O arbusto tremeu de novo e uma longa perna preta e ponteaguda saiu de trás dos membros emaranhados.

– O que ...!

Kyoko virou-se para correr no momento em que um escorpião demoníaco muito grande saiu detrás da vegetação. Ela correu em direção às suas roupas, onde havia deixado a arco e flecha dentro do saco.

– Kyoko! Abaixa-te!

Shinbe saiu correndo dos arbustos opostos com uma vara grande levantada na mão como uma lança. Ele atirou no demónio. O escorpião de olhos vermelhos viu isso e girou uma perna ao redor, bloqueando a arma pontiaguda e a lançou navegando pelo ar. Aterrou aos pés de Kyoko, quando ela se abaixou para pegar a sua besta. A sua sobrancelha tremeu quando ela percebeu o quão perto isso estava de atingi-la.

Shinbe correu em sua direção, curvando-se para pegar o graveto. Com uma sobrancelha, ele olhou para Kyoko e sorriu torto.

– Porque Kyoko, eu acredito que você está não muito vestida para matar um demónio. O sorriso dele aumentou ao ver o rosto dela. Então o seu olhar tornou-se em puro terror.

Sentindo um frio pressentimento nas costas, Shinbe virou-se, balançando o improvisado graveto descontroladamente quando o demónio do escorpião lançou-se sobre eles. Ele foi capaz de acertar com uma perna peluda, mas a outra atingiu-o de lado, atirando-o para longe de Kyoko. O sangue de Shinbe congelou como o mortal escorpião se aproximou da sacerdotisa.

Ele sabia que a criatura possuída por demónios podia sentir o poder dentro dela. Sabendo que ele tinha que fazer algo rápido, ele usou os seus poderes telecinéticos para erguer uma pedra de bom tamanho e atirou-a com tanta força como ele pôde, sorrindo enquanto atingia o escorpião na cabeça.

O demónio gritou e virou a cabeça para encarar o guardião ferido.

Shinbe estava deitado no chão lutando para voltar quando o demónio veio atrás dele novamente. Ele virou-se bem a tempo de apontar a ponta afiada do bastão quando o demónio atirou-se sobre ele.

Os olhos de ametista de Shinbe brilharam quando ele sussurrou um feitiço para suavizar a carne dura dos monstros.

Kyoko gritou em pânico o nome de Shinbe enquanto observava o demónio descer sobre ele.

Tudo aconteceu tão rápido que ela não teve tempo de piscar os olhos. De repente num momento o demónio estava a pular sobre ele, e no próximo, a ponta daquele mesmo graveto estava a sair de costas enquanto o sangue preto escorria para o chão. Ela observou o escorpião possuído a contorcer-se antes de se tornar flácido e cair pesadamente em cima de Shinbe.

– Shinbe! – gritou Kyoko em pânico. Ela correu para ele vendo o sangue a acumular-se na terra ao redor deles num ritmo assustadoramente rápido. Ela estremeceu mentalmente, esperando que nada desse sangue estivesse a vir do seu guardião, mas era difícil dizer com a grande quantidade de sangue a cobrir tudo exceto um lado do rosto de Shinbe. Os olhos dele estavam fechados e por um momento o coração dela parou. O medo tomou conta dela.

Shinbe podia sentir que Kyoko ainda estava aterrorizada e o que quer que estivesse a fazer com que ela se sentisse dessa maneira, teria de ser destruído por ele. Com um calafrio para combater a dor, ele abriu os olhos para encontrá-la olhando para ele, pálida como um fantasma. O seu coração bateu forte quando ele se apercebeu que ela estava assustada por ele.

Ele podia sentir o calor nas suas veias quando o medo dela diminuiu ao ver que ele estava vivo. Shinbe falou com uma voz rouca:

– Kyoko, por favor. Ajuda-me ... tira isso de cima de mim. Ele esforçou-se para empurrar a besta morta, mas os seus braços estavam presos entre ela e o seu corpo. Mesmo possuído, o demónio irracional não deveria pesar tanto quanto pesava e não deveria ter lutado tanto. Os olhos dele estreitaram-se sentindo um pedaço quebrado do cristal tão perto dele.

– Kyoko, o poder de um talismã está perto... encontra-o.

Kyoko parou de empurrar a criatura gigantesca por um momento, tentando concentrar o seu poder de varrer o seu corpo. Quando o cristal do guardião do coração se quebrou e caiu através do reino demoníaco, enviou demónios de todos os tamanhos com um frenesim para encontrar os fragmentos poderosos. Isso deve ter sido um pequeno escorpião uma vez ... até que teve a sorte de ser possuído por um demónio então veio através de uma das peças que faltam e obter um aumento infernal de poder.

– Pronto! – engasgou-se quando notou um pequeno brilho azul elétrico vindo do seu pescoço. Sufocada com vontade de vomitar, Kyoko olhou para a boca ainda aberta. Fazendo uma careta, ela alcançou e agarrou o cristal, vendo como o tamanho dos escorpiões começou a encolher automaticamente. Rapidamente, ela empurrou e deslizou para o lado o suficiente para que Shinbe fosse capaz de empurrá-lo o resto do caminho antes de se encolher e ficar menor do que o tamanho da sua mão.

Kyoko olhou para ele, os seus longos cabelos azuis como a meia-noite obscurecendo o seu rosto, mas pelo movimento ela podia ver que ele estava a tentar recuperar o fôlego. O olhar dela percorreu o seu corpo procurando feridas. Um dos seus lados estava a sangrar profusamente onde o demónio o tinha atingido com força com a perna pontiaguda.

Ela olhou ao redor cegamente em busca de algo para parar o sangramento. Então ela correu para a toalha, sabendo que seria bom pressionar a ferida.

Shinbe sentou-se dando um olhar enojado ao inseto morto. Com a mão sobre o seu lado, voltou a sua atenção para Kyoko e observou-a silenciosamente correr para pegar a toalha que ela tinha descartado à pressa. O seu olhar percorreu o seu corpo, esquecendo completamente a dor que ele sentia.

– Ela esqueceu-se que ainda está sem roupa. – pensou ele – Bem, eu não vou lembrá-la.

Ele tentou manter a expressão calma quando ela voltou com a toalha.

Kyoko sentou-se ao lado de Shinbe, puxando o seu casaco, tentando ver a ferida.

– Shinbe, achas que se pode remover isso? – apontou ela para o pano. – Eu preciso ver de onde todo esse sangue está a vir.

A voz dela ainda estava sem fôlego e era suave para os ouvidos dele, um som quase sedutor. Ele estava tão intrigado com o quanto ela realmente se importava que ele se esqueceu de fantasiar sobre ela pedindo para ele tirar as roupas dele.

Shinbe tirou o casaco parecido com o manto e desabotoou a camisa azul-gelo que estava por baixo. Caiu dos seus ombros e deslizou os braços para se deitar numa piscina ao redor dele, descobrindo o peito e provocando os músculos o estômago para ela, junto com o corte no quadril. Ele abaixou-se e empurrou aquele lado das calças para baixo alguns centímetros, para que ela pudesse ver melhor, mas deixou o braço sobre o colo para esconder a evidência da sua ereção.

Kyoko engoliu em seco enquanto tentava manter o foco na ferida, em vez do que a cercava.

Colocando a mão na sua pele exposta para se firmar, ela pressionou firmemente com o pano branco até ele ficar vermelho. Ela sentiu os músculos dele estremecerem sob a palma da mão e isso

provocou um calor no braço dela. Os seus olhos esmeralda assustados foram rapidamente para os dele, fixando-se com o olhar ametista.

Ele notou o rubor espalhar-se pelas suas bochechas quando seus olhos se encontraram e se perguntou, sentindo o seu próprio calor no corpo onde a mão macia dela o tocava.

– Kyoko, estás bem?

Ele observou-a a sentir fracamente enquanto olhava de novo para a toalha, removendo-a suavemente para ver se o sangramento tinha parado. Vendo que tinha, ela foi molhar o pano para poder limpar o resto do sangue dele.

Shinbe olhou para baixo, pensando consigo mesmo:

– Não é de admirar que tenha parado de sangrar, todo o sangue tem corrido para outro destino.

Ele suspirou, limpando rapidamente o pensamento quando ela voltou e ajoelhou-se sobre ele, dando-lhe outra visão do seu peito vestido com um sutiã.

O olhar escuro de ametista voltou-se para o rosto dela. Ele sabia que ela tinha que vestir algumas roupas para manter a calma e dignidade.

Kyoko estava lentamente a limpar o sangue da sua pele, certificando-se de ser muito, muito gentil quando ela o ouviu dizer o seu nome com uma voz rouca e tensa. Ela parou os seus movimentos e levantou a cara na direção dele. Mas do jeito que ela estava inclinada, ela viu-se a meros centímetros do rosto dele.

Os seus olhos quase brilhavam e ele parecia muito maior que a vida naquele momento. O foco dela lentamente baixou para os lábios quando nenhum deles disse uma palavra.

Shinbe observou os lábios dela a se separarem, e o seu corpo a mover-se com vontade própria quando ele encurtou distância entre eles.

Ele roçou os lábios nos dela com um beijo leve que era apenas a calma antes da tempestade ... a sua respiração aqueceu a sua bochecha. Então um nevoeiro estridente de vermelho e preto bateu nele quando a dor atravessou a sua ferida pois os seus poderes de guardião tinham acabado de começar a cura.

Shinbe foi rebocado e jogado no chão por Toya muito enfurecido, que agora estava acima dele, apontando um dos seus punhais gêmeos diretamente para a sua garganta.

– Porque diabos pensas que estás a beijar Kyoko, seu bastardo? – gritou Toya, tremendo de raiva. A visão de Shinbe a beijar Kyoko estava marcado como que queimada para sempre nas suas retinas.

– Eu deixei-a sob os teus cuidados e decides molestá-la? – gritou furioso.

Os olhos de ametista de Shinbe escureceram para um roxo profundo.

Kyoko abriu caminho entre eles, de costas para Shinbe, como se o protegesse. Olhando para Toya, ela exigiu:

– Não te atrevas! – estendeu as mãos num gesto de proteção. – Não é o que pensas, Toya.

Toya abaixou a adaga com um rosnado:

– Oh sim, então por que diabos estás nua?

Os olhos prateados baixaram na sua pele nua para mostrar o seu ponto de vista.

O mundo de Kyoko desabou sobre ela, e ela sabia que os deuses estavam a rir enquanto ela estava parada no lugar. De repente, ela sentiu a brisa na sua pele nua e pôde sentir os olhos de Toya a esquentar a sua pele com a mesma rapidez. Soltando os braços para os lados, o seu olhar procurou as suas roupas, vendo que agora estavam secas e deitadas na rocha não muito longe. Voltando os olhos para os de Toya, ela sussurrou:

– Fui atacada e Shinbe salvou a minha vida. Eu estava a ajudá-lo porque ele foi ferido ao proteger-me, e daí? Eu beijei-o, grande coisa. Isto foi um agradecimento!

Ela tentou facilitar o caminho entre eles e em direção a suas roupas, mas mudou de ideias quando Toya novamente apontou a adaga para a garganta de Shinbe.

– Pediste-lhe um beijo como recompensa por salvá-la? Seu maldito pervertido!– rosnou Toya, agora ainda mais furioso com o guardião. Então, com um empurrão rápido, ele agarrou o braço de Kyoko, puxando-a para trás e fora da vista do seu irmão.

Os olhos de Shinbe brilharam de raiva pelo tratamento dado por Toya a Kyoko.

– Guarda a lâmina, Toya.

As palavras de Shinbe começaram a congelar quando ele se levantou tirando as calças, o peito ainda nu. Ele elevou-se sobre Toya ameaçadoramente, sendo o mais alto dos dois, se preparando para voar nele. Afinal ... nunca ninguém o tinha chamado de cobarde.

Kyoko correu de volta e deslizou entre os irmãos mais uma vez. O peito dela acidentalmente roçou o peito de Toya ao mesmo tempo que as suas costas roçavam a pele quente de Shinbe porque eles estavam no meio de um passo ameaçador mais perto um do outro. A sua sobrelanceira começou a contração muscular.

– Eu o beijei. Ele não pediu. Agora, vocês dois vão embora para que eu possa me vestir.

Ela olhou para cima, procurando o olhar prateado de Toya e suavizou a sua voz quase suplicante:

– Isso é mau o suficiente sem precisar piorar.

Ela sentiu Shinbe afastar-se e, sem se virar para olhar, sabia que ele estava a vestir-se.

Ela podia ouvir o farfalhar do material quando ele o tocava de forma descendente com movimentos bruscos. Para perceber melhor então, decidiu virar-se e olhar, ela manteve os olhos fixos em Toya esperando para ver se ele tinha mais algumas tendências para ferir Shinbe. Ela quase suspirou de alívio ao ouvir os passos de Shinbe em retirada ao deixar as fontes termas.

Toya não prestou atenção na partida de Shinbe. No momento, ele ainda estava olhando para os olhos de Kyoko em confusão. ‘Ela beijou Shinbe? Porquê?’

Ela estendeu a mão para tocar o seu braço, mas ele rapidamente virou-se e deu um passo para longe, virando-lhe as costas.

– Veste-te, mas não te vou deixar sozinha de novo. Ficarei até que estejas pronta para sair daqui. – disse com um tom de voz que ainda continha raiva.

Kyoko suspirou e rapidamente foi vestir-se com as suas roupas, correndo para elas. Uma vez finalmente vestida, ela virou-se, vendo as costas implacáveis e passou por ele, pronto para regressar à cabana quando ele estendeu a mão e agarrou o seu braço, girando-a para encará-lo.

Toya só queria saber o porquê. Porque ela beijaria Shinbe assim? A sua franja escura caiu adiante, protegendo os seus olhos dourados dela.

– Porque o beijaste? – sussurrou.

O cabelo dele balançava na brisa constante, fazendo com que os reflexos prateados brilhassem de forma atraente.

Kyoko franziu a testa sem saber como responder. Na verdade, talvez ela simplesmente quisesse, mas ela não podia dizer isso a ele. Ela suspirou:

– Eu não pensei, então ... eu realmente não sei o porquê.

Ela baixou os olhos. Aquilo era a verdade de qualquer maneira.

Toya sentiu o medo invadir o seu coração com a resposta dela. Ele levantou a cabeça e olhou diretamente para ela, atraindo o seu olhar para ela.

– Kyoko, tu nunca me tentaste beijar ... assim. – disse sem pensar.

Os olhos de Kyoko brilharam para ele por colocá-la em destaque, e ela gritou de volta para ele:

– Não me digas o que devo fazer! Além disso, eu não tenho namorado, então eu sou livre para beijar alguém que eu queira, certo?

Ela puxou o braço do abraço dele, ignorando a brutalidade da resposta dela e ela passou por ele perguntando por que de repente ele se importava.

Kyoko olhou para o chão enquanto caminhava em direção à cabana. Toya enfureceu-o. Como ousou ficar aborrecido com ela ou Shinbe por causa do beijo? O que era isso para ele, afinal? Ele

não se importava com ela. Ele não amava ninguém, e então porque importar-se com quem ela beija? Ela abriu a porta da cabana e atirou-se na cama, profundamente pensativa.

Toya entrou atrás dela.

– É melhor que eu nunca te veja beijar Shinbe de novo! – gritou ele enquanto se sentava do outro lado da sala e recostou-se na parede.

Kyoko olhou para ele quando a sua mente percebeu exatamente o que ele acabara de dizer, ou ordenado. ‘Como ele se atreve!’ – pensou quando os seus olhos esmeralda começaram a disparar faíscas.

– Eu vou beijar, quem eu quiser, sempre que eu quiser!

Com isso, Kyoko levantou-se com raiva, enrolou o saco-cama, pegou na mochila e dirigiu-se para a porta.

Toya saltou para segui-la com um olhar ferido.

– Onde pensas que vais, caramba?

Ele não pretendia deixá-la com raiva o suficiente para sair. Ele simplesmente não gostou do fato de que Shinbe a tivesse tocado.

Kyoko parou com a mão no batente da porta, de costas para ele.

– Toya.

Ela virou-se levemente, levantou a mão na direção dele e, com um sorriso zangado, ela usou o feitiço ‘Domesticar’ nele, sabendo o quanto ele odiava.

– Cala-te!

Toya atingiu o chão com uma série de maldições. Kyoko pisou fora da porta, passando por Shinbe e caminhou em direção ao santuário inaugural com toda a intenção de voltar para casa.

Shinbe estava de costas para a cabana, com um leve sorriso no rosto. Ele ouviu o que Kyoko tinha dito, e o seu sorriso aumentou quando ouviu Toya cair no chão. Kyoko não o viu parado ali quando ela saiu, e então ele seguiu-a enquanto ela entrava na floresta.

Capítulo 4 ‘Não vás’

Chegando ao coração dos jardins do tempo, Kyoko sentou-se lentamente na relva em frente a estátua da donzela, olhando para o rosto dela. Ela concentrou-se no rosto que ela sabia espelhado nos seus próprios olhares. Essa imagem pertencia ao antepassado de quem a estátua foi feita em memória. E se vivendo ao mesmo tempo, eles poderiam ser gémeos.

Kyoko afastou o pensamento, lembrando-se do motivo pelo qual agora estava sentada na relva em primeiro lugar. Os seus pensamentos começaram a brigar entre si como se ela nem estivesse lá para ouvir. 'Toya é um idiota!' Ela acabara de voltar e 'tudo o que ele podia fazer era gritar' com ela. Às vezes ela apenas ... odiava-o... Ok, talvez isso fosse mentira. Kyoko suspirou:

– Eu não posso mentir para mim mesma. Eu amo Toya e quando ninguém está por perto para testemunhar isso ... ele frequentemente prova que me ama também. Kyoko estreitou os olhos em pensamento. – Mas tem sempre que explodir.

Ela estava a ir para casa e talvez nunca mais voltasse. Ela saltou com todas as intenções de colocar as mãos nas mãos da donzela, sabendo que a levaria para casa. 'Mas então eu nunca mais veria Shinbe.' Os seus olhos arregalaram-se e a sua mente gritou:

– Mas tu gostas dele!... Isso é ridículo. – argumentou ela consigo mesma. – Só tenho sentimentos porque sonhei com ele, isso não significa nada. – Ela afastou-se da estátua, abaixando a mão hesitante e sentou-se, encostando-se a uma pedra fria.

– Mas e se ele também tiver sentimentos por mim? Se o beijo tivesse ido mais longe, então ele teria me beijado de volta? Quem foi que beijou no início? Mas ele é um mulherengo... ele beijaria qualquer mulher. E ele defendeu-me com Toya. Mas só porque ele se sentiu ameaçado e, além disso, é assim que Shinbe é.

Uma voz profunda a trouxe dos seus pensamentos embaralhados.

– Kyoko. – soou a voz rouca de Shinbe quando a chamou. A cabeça de Kyoko disparou e ela corou, sentindo como se tivessem ouvido os seus pensamentos.

– Mmmm, olá. – olhou indiretamente para ele, na esperança de que ele não visse o rubor que ela sabia que estava no seu rosto.

– Estás a ir para casa? – disse, dando alguns passos lentos enquanto falava:

– Eu realmente não te posso culpar, depois do jeito que Toya agiu.

Shinbe ajoelhou-se na frente dela com a mão esticada para ajudá-la a ir para cima. Ela pegou na mão oferecida e levantou-se, tirando o pó da saia.

– Eu simplesmente não suporto estar perto dele às vezes, Shinbe ... eu ... eu realmente sinto muito por todas os problemas que lhe causei. – disse, dando um passo em direção ao santuário.

Shinbe não queria que Kyoko fosse embora, mas ele sabia que não haveria como detê-la quando ela já se tinha decidido. Ele sabia muito bem o quanto ela odiava quando Toya exigia que ela não devesse sair, e ele não queria que ela se ressentisse pelas mesmas razões. Mas, na verdade, ele sentia o mesmo que Toya ... ele não queria que ela fosse.

Retendo os seus verdadeiros sentimentos, ele tentou animá-la.

– Está tudo bem, Kyoko. Podes causar-me problemas a qualquer momento. – sorriu, fingindo alcançá-la lentamente.

Kyoko não sentiu falta da mão dele, que avançava na sua direção. Ela riu, mostrando-lhe um sorriso. Então ela se foi.

Shinbe ficou parado a olhar a estátua enquanto o seu sorriso vacilava. Ele queria dizer a ela para não ir.

Ele não tinha nenhuma compulsão de tocá-la ... bem, talvez um pouco. Ele fez a ação para que ela sentisse facilidade em sair e saber que nada havia mudado entre eles. Ele poderia dizer que ela

estava chateada e tudo o que ele queria era vê-la sorrir ou mostrar outras emoções além de tristeza e raiva.

O seu plano funcionou melhor do que ele pensava quando ela riu dele.

O olhar ametista assombrado de Shinbe afastou-se do santuário inaugural. Ele odiava o tempo da capacidade do portal de levá-la para longe dele e desejou que ele pudesse segui-la no seu mundo ... apenas uma vez. Os seus olhos escureceram de forma atrativa, depois se estreitaram com o pensamento ciumento de Toya poder segui-la através do coração do tempo. Por que o portal do tempo escolheu o guardião prateado e só ele? Simplesmente não era justo. Toya não era o seu único guardião.

Quando Kyoko se viu do outro lado do santuário, ela deitou-se dentro do templo na privacidade da casa do santuário, descansando a cabeça na mochila e fechando os olhos. Ela não queria ter que enfrentar ninguém agora.

Pensamentos de Shinbe a fazer amor com ela continuavam à volta à sua mente. Por que tem ela que sonhar com ele assim? Apenas a fez desejar ...

– O que estou a pensar? – perguntou a ela própria. Ela teve que parar de pensar nisso.

Shinbe e Suki obviamente gostavam um do outro, mesmo que não admitissem. Além disso, ele tenta seduzir todas as mulheres. É assim que Shinbe era.

Kyoko lentamente levantou-se e saiu da casa do santuário que protegia a estátua da donzela.

– Vou apenas para o meu quarto e estudar. Sim, então eu vou para a escola amanhã, e tudo estará bem. Talvez eu até ligue para meus amigos e saia com eles por um bocado.

Kyoko parou e quase cruzou os olhos, pensando em voz alta:

– Nova regra, não comer frutas embebidas em álcool com os amigos.

Toya ainda estava a lutar contra o seu humor ciumento enquanto caminhava lentamente para o santuário. Ele tinha toda a intenção de seguir Kyoko e endireitar isso. Ele não suportava pensar que ela estava zangada com ele.

Os seus sentidos dispararam, dizendo que ele não estava sozinho. Ele olhou para cima e encontrou Shinbe recostando-se contra uma das pedras circundantes que sobraram de algum castelo esquecido que costumava ficar ali. As suas mãos estavam cuidadosamente enfiadas no casaco, com o cajado sobre o colo. Ele estava a inclinar a cabeça para trás com os olhos fechados, como se estivesse a dormir.

– Acorde, seu idiota estúpido! – gritou Toya para ele, agora mais irritado do que nunca.

Shinbe abriu um olho sonolento e fechou-o novamente:

– O que queres, Toya?

Toya fumegou:

– O que eu quero? Eu quero saber o que diabos estás a fazer sentado aqui.

Shinbe abriu os olhos e ergueu uma sobrancelha para o irmão:

– Não posso descansar?

Toya estreitou o olhar para ele:

– Desde quando vens ao coração do tempo para descansar?

Shinbe levantou-se lentamente, preparando-se, apenas por precaução. Ele sabia que Toya era mais forte. Mas ele também sabia que não era tão fraco quanto Toya pensava que ele era. Os seus poderes eram apenas diferentes.

– Vim despedir-me de Kyoko. Depois da maneira como a trataste, teremos sorte se ela alguma vez voltar. Mas o que está a acontecer nesse seu cérebro de ervilha? – A voz calma de Shinbe se manteve mesmo indicando a agitação interna que ele estava a esconder.

Toya deu um rosnado suave, sabendo que o que Shinbe disse era verdade. Talvez, apenas talvez ele tenha exagerado, mas ainda assim, ele viu-os a beijarem-se. Kyoko tinha beijado aquele guardião lascivo. A cena voltava à mente de Toya e a sua alma gritou:

– Não, era Shinbe a beijar Kyoko, não o contrário.

Ele virou as costas para Shinbe:

– Eu não sei o que estás a fazer como guardião, mas se tiveres deitado uma mão em Kyoko de novo ... eu vou te matar.

Com isso, Toya saltou no ar, deixando apenas uma única pena prateada flutuando na brisa.

Shinbe suspirou e sentou-se, encostando-se na pedra quando ouviu a brincadeira de Kamui a rir à distância. Alguns momentos depois, Sennin, Kamui e Suki entraram na clareira, segurando cestas de ervas e legumes pelos quais o velho estava à procura.

– Eles devem tê-lo encontrado no caminho de volta para a cabana. – argumentou Shinbe.

Sennin era o velho dono da cabana em que ficavam quando estavam perto do santuário.

Sennin criou Suki e o seu irmão sozinho quando a sua esposa, a mãe deles, foi morta por demónios durante um ataque à vila. Suki era muito pequena para se lembrar da mãe, mas ela tinha sido a melhor matadora de demónios humanos dentro do reino.

Para a vila, Sennin era um curandeiro, mas os guardiões sabiam a verdade. Ele era mestre em lançar feitiços e sabia muito mais do que a maioria dos humanos no seu reino. Shinbe sorriu tristemente, enquanto observava o velho a aproximar-se.

– Por que pareces tão triste, Shinbe? – Sennin perguntou enquanto se aproximava. Ele olhou para ele com sua visão de sabedoria. O guardião da ametista estava a agir um pouco estranho ultimamente ... e isso foi dizendo muito, porque na sua opinião, todos os guardiões eram naturalmente um pouco estranhos.

Shinbe levantou-se quando eles se aproximaram, como se ele estivesse à espera por eles, em vez de quase brigar com Toya.

Suki olhou atrás dele para o santuário inaugural.

– Kyoko já voltou para casa?

Shinbe olhou fixamente para ela antes de responder:

– Sim, sim, ela já regressou.

Kamui parou de procurar na cesta por algo para comer e olhou atentamente para Shinbe, com o seu sorriso a desaparecer e a preocupar-se novamente.

– Por que ela se foi embora?

Então, tão depressa se lembrou disto, os seus olhos se estreitaram:

– O que Toya fez desta vez?

Shinbe estendeu a mão e a colocou no ombro de Kamui para acalmá-lo. Ele sabia que Kamui odiava quando Kyoko voltava ao seu tempo, tanto quanto ele.

– Está tudo bem, Kamui. Ela voltará em breve.

Ou pelo menos ele assim esperava. Ele gemeu interiormente.

Suki parecia perturbado. Kyoko voltou algum dia durante a noite. Ela nem tinha tido a oportunidade de falar com ela, exceto por alguns momentos naquela manhã.

– Então, ela teve que domá-lo?

Shinbe olhou para a rapariga e sorriu:

– Receio que sim. Toya não está com muito bom humor.

– Eu imagino que ele não esteja. Sabes do que eles discordaram desta vez? Sennin semicerrou os olhos quando ele mudou a sua cesta e começou a caminhar em direção à cabana. Suki seguiu atrás

com Kamui, que estava mais uma vez a mergulhar na cesta de comida para comer. Shinbe seguiu atrás, tentando pensar como responder à pergunta.

– Toya acha que ele precisa de um motivo para gritar com ela?

Shinbe encolheu os ombros, como se ele não fizesse ideia, o tempo todo à espera que ninguém pudesse sentir a sua culpa.

Toya sentou-se numa árvore ao lado da cabana de Sennin e ouviu as brincadeiras enquanto se aproximavam. Ele ouviu o comentário de Shinbe e queria dar-lhe uma sova. Mas depois ele pensou sobre isso, e decidiu ser melhor não contar a eles o que tinha visto. Os seus olhos brilhavam com faíscas de prata quando ele pensou sobre o beijo. Decidindo segurá-lo por enquanto, Toya recostou-se na árvore e fechou os olhos, fingindo estar a dormir.

– Estás acordado, Toya?– chamou-o Sennin.

Toya continuou a ignorar o velho. Não era como se lhe devesse alguma coisa.

Sennin fez uma pausa, querendo expressar o seu argumento de qualquer maneira:

– Com certeza fizeste isso desta vez. Não podias esperar até que ela tivesse ficado mais um pouco?

Toya inclinou-se para frente e olhou para Sennin.

– Cala a boca, velho. Nem sabes do que estás a falar. Ele pulou e foi em direção à floresta.

Shinbe suspirou de alívio. Ele estava preocupado que Toya lhes dissesse sobre o beijo inocente, e ele teria que explicar.

– Eu achei inocente? – pensou consigo mesmo sentindo algo pesado assente na boca do estômago. Se era tão inocente, por que ele continuava pensando em quão suave os seus lábios eram quando eram pressionados contra os dele? Com esse pensamento, ele gemeu e entrou na cabana.

Kaen, um aliado dos guardiões, melhor descrito como um espírito do fogo, apareceu diante de Kamui com um sorriso. Ele muitas vezes ajudou a treinar Kamui e foi muito protetor com ele durante a batalha. Isso ajudou Kaen a mudar da forma humana para um dragão ... isso tornou o treino muito mais intenso. Eles praticavam poses de luta do lado de fora da cabana enquanto Sennin e Suki se entreolhavam.

Suki encolheu os ombros e eles entraram na cabana. Shinbe estava deitado numa esteira, apoiado no cotovelo, de costas para eles. Eles observaram-no, mas nenhum deles disse nada sobre o seu humor deprimido. Suki acendeu o fogo enquanto Sennin preparava a comida para o jantar, ambos olhando para ele enquanto ele suspirava.

Toya ficou longe da cabana o dia todo, até o sol começar a pôr-se no horizonte. Ele aproximou-se silenciosamente quando ouviu Sennin e Suki a conversar baixinho. A sua audição aprimorada de guardião ouviu cada palavra sussurrada pelos seus lábios.

– Você acha que ele está doente, Sennin? – perguntou Suki preocupada enquanto olhava para Shinbe, que estava ainda deitado no cobertor, dormindo profundamente.

– Pois, ele não comeu nada. – respondeu o velho enquanto limpava as tigelas do jantar.

– Eu espero que ele não descubra nada. Sem a ajuda de Kyoko, estamos realmente a precisar dele amanhã quando procurarmos o talismã desaparecido.

Suki encolheu os ombros enquanto ela desenrolou o seu saco de cama.

– Bom, vou fazer um chá de ervas para ele quando ele acordar.

Sennin não achava que o guardião estivesse doente porque eles tinham uma imunidade tão alta a doenças humanas. A verdade era ... ele nunca tinha ficado conhecido por ficar doente. Tinha que ser algo muito mais profundo que isso.

Os seus velhos olhos castanhos semicerraram quando ele pensou no talismã desaparecido. Desde que o guardião do cristal do coração havia sido quebrado, as lascas do pequeno talismã

apareciam por toda parte, e geralmente nas mãos erradas. Qualquer demônio fraco que possuísse um talismã tornava-se forte e muito perigoso. O exército maligno de Hyakuhei parecia estar a crescer todos os dias. Ultimamente, ele sentia o mal a chegar bem perto.

Toya ficou do lado de fora da cabana debatendo se deveria ou não entrar, quando ouviu o seu nome mencionado.

– Eu pergunto-me porque o Toya estava tão chateado com o fato de Kyoko querer ir para casa.
– disse Suki a bocejar.

Sennin assentiu:

– Você pensaria que já teria aprendido as suas lições agora. Precisamos dela assim como tanto quanto precisamos dos guardiões.

Suki sentou-se na sua esteira, afastando um pouco da sujeira imaginária.

– Bem, não demorou muito para deixá-la com raiva. Aposto que ele disse algo sobre ela cheirar a álcool.

Ela virou-se para ficar de frente para Kamui quando ouviu risadas abafadas dele. Pegando num pente que Kyoko tinha dado a ela, ela atirou-o, batendo na cabeça dele:

– Eu pensei que estavas a dormir!

Sennin riu dos dois enquanto caminhava para a porta.

– Boa noite Suki ... Kamui.

Toya ficou do lado de fora da cabana. Ele havia se esquecido de Kyoko cheirar a álcool. Então ele não precisou contar a eles o que realmente aconteceu, embora seria bom fazer com que Shinbe não tivesse problemas com Suki. Ele sorriu. Ela ficaria tão zangada com ele que lhe daria uma surra de todo o tamanho.

Pulando na árvore, Toya soltou uma risada ao pensar em Suki a bater em Shinbe, sabendo que o seu irmão nunca levantaria um dedo para detê-la.

Capítulo 5 ‘Ciúmes perigosos’

Kyoko estava infeliz. Tudo o que ela conseguia pensar era em Shinbe e Toya e aquele beijo estúpido.

Ela estava deitada sob as cobertas macias bem acordada, pensando como ela poderia querer ser beijada por qualquer um deles. Um deles era Shinbe, o guardião lascivo que brincava com todas as mulheres que ele entrava em contato. Ele provavelmente tinha mais mulheres do que dedos nas suas mãos, e ainda assim o pensamento do seu beijo a fazia quase que desmaiar.

O outro era Toya que gritava com ela por pequenas coisas e tentava sempre controlar cada movimento que ela fazia. Ainda assim, às vezes ele podia ser tão doce. Ambos podiam. Ela encostou-se no travesseiro e suspirou. Era estranho como ela pensava apenas em Toya antes que ela fosse dormir, mas por um tempo agora, os pensamentos estavam mudando lentamente para Shinbe.

Shinbe ... Ela adormeceu e sonhou com ele mais uma vez.

Shinbe acordou no meio da noite coberto de suor, outro sonho. Ele choramingou ao levantar-se. Por que ele tinha que ficar a pensar nela? Ela estava a levá-lo além do limite.

Ele olhou em volta, certificando-se de que Suki e Kamui ainda dormiam. Deslizando pela sala como um fantasma, ele saiu da cabana e respirou fundo olhando para o céu. Foi quando ele percebeu que Toya olhava para ele dos galhos mais baixos da árvore em frente à cabana.

– O quê? – disse Shinbe que não queria outro confronto agora, mas o jeito que Toya estava a olhar para ele era apenas irritante.

Toya cheirou o ar e rosou, sentindo a excitação de Shinbe.

– O que estás a fazer, guardião?

Shinbe inclinou a cabeça e colocou os dedos contra a têmpora, como se estivesse a receber uma dor de cabeça, embora isso fosse impossível para um imortal.

– Vou dar um passeio à meia-noite, não que seja uma preocupação sua.

Toya rosou novamente, pulando do seu poleiro acima da cabana de Sennin. Ele andava atrás de Shinbe como se estivesse a perseguir a sua presa.

– Tenho certeza que sim. – disse Toya e continuou a andar à volta dele.

Shinbe observou-o pelo canto do olho, uma expressão entediada no rosto, mas mentalmente pronto para Toya atacar.

– Eu não sei o que estás a sugerir, Toya. Mas, na verdade, não preciso que segures a minha mão.

Toya parou de andar à volta dele de forma intimidadora e apareceu diretamente na frente de Shinbe tão rápido que causou uma brisa.

– Fica longe de Kyoko, ouviste? Se eu pensar por um minuto, que tocaste nela ... – puxou o braço para o lado e deixou um dos punhais gémeos aparecer na palma da mão.

Ele estreitou o olhar para o outro guardião.

– Não pensarei duas vezes em matar-te, irmão ou não.

Shinbe não suportava a mão pesada de Toya.

– Sim, eu entendo. Agora, se não te importas...

Toya desviou-se para o lado, deixando Shinbe passar.

– Não confio nesse guardião. – pensou Toya.

Shinbe entrou na floresta. Ele não se importava para onde estava a ir. Ele só queria estar o mais longe quanto possível dos olhos conhecedores de Toya. Sim, ele sabia que Toya o mataria quando

ele descobrisse o que ele fez, mas pelo menos ele morreria um homem feliz. Ele suspirou olhando para a noite cheia de estrelas.

– Ah, Kyoko. Por que tiveste que ir? Maldito Toya.

Ele gesticulou com o seu bastão e rosnou.

– Maldito.

Shinbe continuou a andar sem a intenção de chegar perto do santuário, mas foi onde ele acabou por chegar de qualquer maneira. Ele ficou na beira da clareira, sabendo que não deveria estar lá. Toya provavelmente estava a segui-lo. Ele olhou em volta, consciente de todos os sinais do seu temperamento quente do irmão. Quando ele não o sentiu em lugar algum, ele caminhou lentamente em direção à estátua da donzela.

Ele ficou na frente da estátua, olhando para a imagem de Kyoko do passado, sonhando acordado, e nunca ouviu os passos que surgiram atrás dele.

– O que diabos você pensa que está a fazer aqui, guardião? – chamou Toya com um tom baixo de atrás. Ele assustou Shinbe tanto que perdeu o equilíbrio e quase caiu nos braços da donzela, se Toya não o tivesse agarrado pelo braço.

– Toya, realmente tens que parar de te intrometeres no espaço das pessoas assim. – disse Shinbe com um rosnado e ele apertou a mão de Toya.

– Eu disse para ficares longe de Kyoko. Eu não sei o que está a acontecer nessa tua cabeça, mas se eu tiver que lhe dar alguma orientação, eu irei fazer isso. – disse com os olhos de Toya a brilharem loucamente de raiva pelo pensamento do seu irmão, nutrindo sentimentos por Kyoko. Não nesta vida, não se ele tivesse alguma coisa a ver com isso.

Shinbe já se cansara das ameaças de Toya. Ele apenas estalou.

– Que diabos!

Ele mostrou de forma ameaçadora a sua lança a Toya, que saltou para trás do caminho.

– Tiveste um milhão de oportunidades com Kyoko, mas sempre escolheste fechar os olhos para isso. Agora queres dizer a ela com quem ela pode estar? Quem ela pode beijar?

Ele riu, mas parecia zangado.

– Isso não vai acontecer, Toya. Vais perder.

Shinbe balançou a cabeça e firmou o cajado, pronto para o tumulto que se aproximava. Ele sabia exatamente do que Toya era capaz, mas ele estava cansado de recuar.

Toya olhou para Shinbe em choque. Ele não conseguia se mexer. Ele sabia que não poderia usar o punhal gémeo ... se o fizesse, ele mataria o seu irmão. Os seus olhos começaram a sangrar prata derretida enquanto dizia ao irmão:

– O que disseste? Estás a dizer que 'tu' queres Kyoko?

Toya rosnou quando acrescentou:

– Não passas de um guardião lascivo. Kyoko nunca ficaria contigo!

Ele atirou-se a Shinbe.

Shinbe esquivou-se do balanço de Toya e manteve-se firme:

– Achas que ela ainda te quer quando tudo o que fazes é tentar controlá-la e agir como se não desse a mínima para os sentimentos dela?

Evitou outro golpe de Toya e riu. A sua voz escureceu:

– Ou eu toquei num nervo?

Toya ficou a olhar para Shinbe. Por que ele não tirou os punhais gémeos, ele não sabia. Mas ele queria derramar o sangue de Shinbe, desesperadamente. Ele não precisava de lâminas para fazer isso.

– Não tens o direito de falar sobre o que eu faço. – disse com um tom de Toya que era mortal quando ele abaixou a cabeça, a franja sombreando a tonalidade vermelha que se arrastava com a prata que já havia tomado conta das suas íris.

Shinbe levantou uma sobrancelha para Toya.

– Ah, então eu atingi um nervo. Que interessante. O guardião de prata tem sentimentos ... Ele ama a sua sacerdotisa. Mas não tens o direito de dizer à Kyoko quem ela pode beijar. Afinal, como ela disse, ela não tem namorado. Então, como eu vejo, ela é justa. Shinbe levantou os ombros, virando-se e olhando para o santuário.

Toya aproveitou o momento para dar uma investida em Shinbe.

– Maldito sejas, não vires as costas para mim!

Shinbe com força, mandando-o cair, atirou a sua lança pela clareira.

Shinbe foi rápido e rolou, levantando-se para encarar Toya. Os seus longos, cabelos azuis como a meia-noite balançavam na brisa enquanto os seus olhos de ametista brilhavam perigosamente. Ambos os guardiões ficaram em silêncio por um momento enquanto se encaravam com raiva. A erva ao redor deles e a estátua da donzela brilhava com uma aura despercebida deixada pelo inimigo.

Sem armas e em desvantagem, Shinbe colocou a mão na frente dele, palma para cima enquanto ele invocava os seus poderes de guardião. As pedras ao seu redor começaram a soltar-se do chão onde estavam presas por tanto tempo. Ele sabia que não tinha tempo para completar o feitiço quando Toya atacou novamente. Ele tentou afastar-se, mas sentiu as pernas dobrarem quando bateu no lado da estátua inaugural.

As pedras pesadas caíram de volta no chão quando Toya colidiu com ele, agarrando-o pela garganta. Shinbe agarrou a frente da camisa de Toya enquanto os dois caíam num mar de névoa azul quente.

Em vez de aterrar com um estrondo como Shinbe esperava, ele sentiu-se envolto numa luz azul suave. O seu primeiro pensamento foi que ele devia estar a morrer, pois Toya o estrangulara pouco antes de eles caírem. Saindo da posição lenta, a misteriosa névoa desapareceu e ele pousou ... firme. As mãos de Toya ainda estavam à volta do pescoço.

Quando os seus sentidos voltaram a ele rapidamente, Shinbe levantou as mãos entre os braços de Toya e foi capaz de arrancar as mãos do guardião dele.

Toya caiu de costas quando Shinbe o empurrou. Foi quando ele percebeu onde eles estavam.

– O que ...? – disse Toya ao olhar para a escuridão, vendo o teto acima da sua cabeça.

Eles tinham entrado no tempo de Kyoko? Shinbe estava na merda do tempo de Kyoko?

– Não! – rosnou Toya enquanto ele se levantava do chão de madeira e olhava para Shinbe. Todos os guardiões já tinham feito essa viagem através do coração do tempo, exceto ele. Ele era o único guardião não permitido aqui. O ciúme correu pelas veias de Toya.

– Agora eu realmente vou te matar! – atacou Toya Shinbe novamente, dando um soco no lado da cabeça dele.

Shinbe não era tão fraco quanto parecia. Ele balançou a cabeça enquanto estendeu uma perna, rapidamente caiu e pontapeou Toya para o lado, fazendo-o cair.

Toya rosnou quando ele caiu de lado contra a parede do santuário.

Shinbe encostou-se na parede de madeira ofegante, tentando recuperar o fôlego. O casaco dele estava rasgado em alguns lugares, e sua cabeça latejava com o golpe de Toya. Ele olhou para Toya, que não parecia pior para o desgaste ... A sua única expressão era demente.

Toya agachou-se e gritou:

– Não estás autorizado a estar aqui!

Ele atirou-se em direção a Shinbe novamente, mas bateu na parede com um estrondo quando Shinbe saiu do caminho no último segundo.

Toya pode ser sido mais forte, mas Shinbe era mais rápido. Quando ele se esquivou, Shinbe virou-se e atirou uma explosão de força vital que machucaria um deus.

Toya caiu para trás, mas a sua raiva o impediu de sentir alguma coisa. Ele limpou o sangue do seu lábio enquanto olhava para Shinbe com olhos de mercúrio. Ele precisava de se acalmar, mas mesmo quando o pensamento tinha nascido na sua mente, a raiva empurrou-o de volta. O que ele queria era magoar Shinbe, muito mesmo.

Ele observou Shinbe inclinar-se, com as palmas das mãos ofegantes e aproveitou a oportunidade para agarrá-lo pelo casaco, atirando Shinbe pela porta da casa do santuário.

Os guardiões não podiam ser mortos ... pelo menos essa era a teoria ... era uma mentira. Hyakuhei havia morto o pai deles e ninguém era imortal. Shinbe deslizou pelo cascalho antes de parar e depois levantou-se, limpando o sangue e a sujidade dos olhos.

Kyoko estava deitada na cama, imaginando o que a havia assustado. Ela podia ouvir batidas e gritos abafados, então ela assumiu que o avô estava acordado até tarde a ver TV. A alma dela quase saiu do seu corpo quando Tama irrompeu pelo seu quarto.

– Kyoko! – apontou Tama para a janela.

– Som ... alguém está a brigar ... no ... no pátio. – Mal tinha acabado de gaguejar estas palavras, quando Kyoko correu para a janela para ver. Ela não conseguia ver nada, porque obviamente eles haviam retirado o poste de luz que ficava perto da beira do quintal.

Tama estava ao lado dela, olhando para o pátio, exatamente quando um clarão de vermelho e preto aparecia mais perto da casa onde a luz vinha da varanda.

Ele apontou:

– É, é ...

– Toya! – gritou Kyoko quando sentiu o pânico a atacar. Com quem estava ele a lutar ... um demónio ... naquele mundo?

Ela observou quando ele foi subitamente levantado no ar e atirado para trás na enorme árvore que ela costumava escalar quando criança. O problema era ... ela não via nada a atirá-lo, a menos que ele estivesse a lutar com um fantasma.

– Tama, vai acordar o avô. Eu tenho que ajudar Toya. Ela rapidamente pegou no seu arco espiritual e saiu pela porta e Tama ficou em choque.

Ela correu descalça para o pátio, um dardo espiritual já entalhado no arco. Tentando ver o seu alvo antes de lançar o dardo espiritual, ela ficou chocada ao encontrar não um guardião, mas dois.

Isso a parou de repente.

– Shinbe. – sussurrou Kyoko enquanto o observava desmoronar contra a parede externa do casa do santuário. Parecia que ela podia sentir o impacto da mesma forma que ele, exceto que deixava um enorme impacto no coração dela. Ela olhou para o movimento vindo do lado e piscou os olhos esmeralda na direção dele. Isto era Toya, e ele estava prestes a magoar Shinbe novamente.

Atirando o arco para cima, ela levantou a mão para lançar o feitiço de domesticação que só funcionava no guardião de prata.

– Toya! Não! – gritou Kyoko.

Toya estava no meio do vôo quando de repente caiu no chão como uma tonelada de tijolos, enterrando o seu rosto na terra dura.

Kyoko correu para Shinbe, derrapando na erva enquanto corria. Caindo de joelhos ao lado dele, os seus lábios separaram-se sabendo que ele estava em má forma.

– Shinbe, estás bem?

Shinbe abriu um olho e olhou para Toya.

– Isto vai doer. – tentou ele sorrir, mas desmaiou antes que ele pudesse lidar com isso.

Toya olhou para Kyoko da sua posição de bruços e rosou ao ver como os seus lábios tremiam.

– Como ela ousa ficar ao lado dele, depois do que Shinbe disse?

Kyoko voltou-se para ele, com lágrimas nos olhos.

– O que é que você fez?

Ele não teve oportunidade de responder quando o seu irmão e avô vieram a correr para o pátio. O avô com os papiros dos demónios na mão, pronto para bater em qualquer coisa que ousasse magoar a sua neta.

Kyoko começou a soluçar, sem saber o que fazer:

– Ajudem-me a colocar Shinbe em casa.

Tama e o seu avô não fizeram nenhuma pergunta enquanto pegavam Shinbe para levá-lo para dentro de casa. O avô simplesmente olhou na direção a Toya enquanto Tama se recusava a olhar para ele.

Eles saíram deixando Toya ainda deitado no chão.

Toya não se incomodou em se mexer. Ele sabia que Kyoko estava tão zangada com ele que ela iria provavelmente usaria o maldito feitiço nele repetidamente se ele ousasse entrar em casa. Não era justo. Ela não entendeu que ele estava apenas a protegê-la?

A luz da lua refletia-se nos reflexos prateados dos seus cabelos escuros quando ele se virou e acabou com um coração pesado. Empurrando o chão, ele voltou ao coração do tempo.

Quando o sol se levantou sobre o santuário inaugural, Toya ainda andava de um lado para o outro a limpar, tentando descobrir o que diabos tinha acontecido. Como Shinbe tinha sido capaz de passar pelo coração do tempo? Simplesmente não era permitido. A pergunta repetia-se na sua mente de forma louca.

Suki entrou na clareira com Kamui e Kaen, procurando Toya e Shinbe. Ela viu Toya e acenou para ele.

– Bolas, é tudo o que preciso agora. – resmungou Toya por dentro, enquanto observava Suki a aproximar-se. Ela parou e olhou para ele por um longo momento antes de ela falar e o olhar preocupado nos seus olhos apanhou-o desprevenido.

– Toya, estás bem? O que aconteceu? Ela estendeu a mão para tocar o seu rosto, e ele estremeceu. Ela olhou para as feridas curativas que adornavam o seu rosto e o sangue seco no rosto, roupas e mãos. Ela olhou para as mãos dele novamente. Toya nunca deixava o sangue secar nos seus dedos assim. O que estava a acontecer?

– Toya, de quem é este sangue?

Ele não respondeu, mas quando desviou o rosto dela, ela olhou ao redor procurando Shinbe, sabendo que ele lhe diria o que estava a acontecer. Quando ela não o viu, o pânico filtrou-se na sua voz quando os seus olhos se arregalaram.

– Onde está o Shinbe?

Kamui estava em pé na beira da clareira com Kaen quando sentiu a pressão de Toya e a sua agitação e diminuiu a distância entre eles. Ele ouviu a pergunta e rezou para que ele estivesse errado sobre a resposta. Na esperança de acalmar os dois, ele tentou fazer uma piada e perguntou:

– Toya, não me digas que mataste Shinbe?

Toya rangeu os dentes.

– Eu não matei ninguém, seu idiota insignificante, então cala a boca!

Ele desviou-se deles olhando para as unhas ensanguentadas ... ele nem as notara.

– Será que eu o matei? – pensou Toya consigo mesmo. Aquele último golpe em Shinbe teve que ter causado alguns sérios danos. Ele lembrou-se das suas garras cavando a carne do lado de Shinbe quando ele o atirou contra a árvore. Toya sabia que as suas garras poderiam ser mortais quando crescessem mais durante a batalha ... e não apenas demónios, mas todos os imortais, incluindo guardiões.

Ele não deveria ter lutado com o seu irmão, mas ele estava com tanta raiva que não tinha sido capaz parar. Por que ele perdeu a paciência assim sabendo que o seu sangue demoníaco estaria em

perigo de surgir? Ele geralmente tinha mais controlo do que isso. Bolas... Se Kyoko não tivesse saído quando o fez, ele não sabia o que ele teria feito com ele. Ele nunca havia brigado com Shinbe antes ... O que diabos estava a acontecer aqui?

Esse sentimento de pânico tomou conta dele novamente quando sentiu os olhares de Suki e Kamui à sua volta. Shinbe era seu irmão ... um guardião. O que ele fez? Não olhando para eles, Toya enfureceu e cerrou as suas mãos em punho e de repente gritou:

– Eu não fiz nada!

Precisando de uma fuga, ele disparou através da clareira, em direção à floresta.

Kaen e Kamui se entreolharam compartilhando o mesmo sentimento ameaçador.

Kyoko estava sentada na sua mesa, agulha e linha na mão. Ela decidiu costurar o casaco de Shinbe desde que tinha sido triturado em alguns pontos. Ela teve que se manter ocupada, porque com Toya fora e Shinbe desmaiado ... ela não podia nem perguntar a ninguém o que diabos tinha acontecido. Ela teve um pressentimento que era culpa dela que eles tinha brigado.

– Foi apenas um beijo estúpido. – murmurou ela culpada.

Depois que o seu avô tirou Shinbe das suas roupas, ela pegou nelas e lavou o sangue deles da roupa enquanto Tama ajudava o avô a tratar as feridas que já estavam a cicatrizar. E se não fosse pelo fato de Shinbe ser um guardião e ter a vantagem extra de uma cura rápida, ele teria sangrado até a morte em poucos minutos. Quando ela olhou para uma das rasgões no tecido, ela imaginou as garras de Toya lá e estremeceu.

Ele estava bastante espancado, mas a pancada na cabeça foi a pior. O avô dela disse ele provavelmente ficaria um tempo desmaiado. Ele também a informou que quando dois guardiões lutam um contra o outro, é um pouco mais perigoso do que quando dois humanos atacam. O avô e as suas lendas ... ela não precisava de uma lenda para dizer que isso era mau. Ela só esperava que Shinbe não tivesse danos cerebrais. Para ele ficar inconsciente por tanto tempo não era um bom sinal. Ela rezou para que ele acordasse em breve e dissesse a ela que estava tudo bem.

Kyoko sentou-se ao seu lado desde que o seu avô tinha feito um curativo e o colocou cuidadosamente na cama dela. Ela não dormia desde o acontecido com medo de que ele acordasse sem que ela soubesse.

Shinbe abriu os olhos lentamente para a luz fraca da sala. Onde ele estava? Ele olhou para o teto branco em confusão. A sua cabeça, bolas como doía. Ele tentou olhar ao redor da sala, mas isso doeu também. Havia a cor rosa em todos os lugares. Onde ele estava?

– Ai! – gritou Kyoko ao picar-se com a agulha e colocou o dedo na boca, chupando-o. Ela virou-se levemente na cadeira e Shinbe viu-a, com a luz da lâmpada da mesa a brilhar na cara dela.

– Eu devo estar no céu. – sussurrou Shinbe através dos seus lábios secos. Ele viu os olhos de Kyoko esbugalhados, e ela lentamente virou-se para olhar para ele. Ele tentou sorrir, mas a sua cabeça doía demais e ele fechou os olhos novamente.

Kyoko quase tombou na cadeira tentando chegar ao seu lado tão rapidamente.

– Shinbe não, por favor não volte a dormir ainda. – implorou com um tremor na voz. Ela estava rapidamente a caminho das lágrimas. Shinbe abriu os olhos e cheirou o sal no ar. Ela estava a chorar? Ele tentou sentar-se, apenas para ter uma dor intensa através da sua têmpora.

Kyoko colocou a mão no ombro dele.

– Não tentes sentar-te. Estás muito magoado.

Passou as costas da mão na bochecha molhada e sorriu quando ele abriu os olhos novamente.

– Achas? – disse e tentou sorrir, mas a sua cabeça não estava bem.

Ele levantou a mão para a parte de trás da cabeça segurando-a na palma da mão.

– Hmm, grande pedaço. – disse e ele olhou para Kyoko de forma inquisitiva.

Kyoko não se conseguiu conter.

– Seu grande idiota, poderias ter sido morto. – disse e irrompeu em lágrimas, levando as mãos ao rosto, e soluçou.

Shinbe estendeu a mão e passou a parte de trás do dedo pela bochecha dela.

– Kyoko, espero que Toya esteja tão mal quanto eu.

Kyoko descobriu seu rosto e encarou-o:

– Eu não sei.

Ela virou-se e caminhou até a mesa, pegou uma jarra de água e despejou um pouco num copo. E de repente, ela ficou zangada com os dois. Eles deveriam estar a caçar o talismã juntos, não a brigar.

– Não sabes?

Shinbe tentou arquear a sua sobrancelha, mas percebeu que não havia nada no seu corpo que não doesse. Ele decidiu naquele momento que na próxima vez que lutasse com Toya, ele faria mais do que apenas se defender ... na próxima vez seria vingança...

Kyoko atravessou a sala e o ajudou a beber a água. Ela sorriu para ele, e viu um brilho nos olhos dela:

– Não vejo Toya desde que o coloquei perto da casa do santuário.

De alguma forma, ela sabia que isso iria animar Shinbe. Ele tentou rir, mas acabou por tossir.

– Feitiço para domesticar?

Colocando a mão no peito enfaixado, ele gemeu.

– Por favor, não me faças rir. Isso dói.

Kyoko tinha um olhar de dor no rosto.

– Sinto muito, Shinbe. Não poderíamos levá-lo a um médico humano sem ... bem, tu sabes.

O avô tentou tratar de ti da melhor maneira possível e a maioria das feridas visíveis sararam.

Shinbe piscou o olho para ela, em vez de tentar acenar com a cabeça.

– Eu entendo. Obrigado pelo carinho.

A curiosidade o venceu:

– Mas ainda não viste Toya?

Kyoko levantou-se, virando as costas para ele.

– Não, eu estive aqui contigo, esperando que acordasses. – disse e caminhou até a mesa, pegando no frasco de aspirinas, mas o colocou de volta sabendo que não ajudaria um guardião.

– Sobre o que vocês dois estavam a brigar? – sussurrou, não querendo ouvir a resposta. Ela pegou na garrafa de volta, imaginando que não poderia doer.

– Quanto tempo eu dormi? – sussurrou Shinbe, tentando manter a dor um pouco no mínimo. Ele ouvira a pergunta dela, mas ... era melhor deixar isso entre ele e Toya.

Ela virou-se, caminhando de volta para ele.

– Várias horas.

Kyoko colocou a aspirina nos lábios e pegou no copo de água de volta:

– Aqui, toma estes.

Ele fez o que ela disse, pensando que ‘Ela esteve ao meu lado a noite toda?’. Ele fechou os olhos, contemplando esse pensamento. Então ele sentiu a mão fria na sua testa e abriu os olhos de volta para ela.

Kyoko sorriu:

– Não acredito que estás aqui ... do meu lado do coração do tempo.

Ele encolheu os ombros como se não importasse, mas importava-se.

– Bem, agora que eu sei que vais ficar bem, eu acho que eu deveria voltar e dizer aos outros que não voltaremos por um tempo. Descansa e eu estarei aqui quando acordares.

Shinbe olhou para ela, pasmo. O seu olhar voou ao redor da sala percebendo exatamente para onde ele tinha desaparecido. Ele estava no mundo dela! Ele deve ter realmente batido com a cabeça com força para que não se tivesse apercebido. Espera. Ele voltou os seus olhos de ametista para ela.

Do que ela estava a falar, 'ele não vai de volta com ela? E se Toya não a deixasse voltar? E se algo acontecesse com ela? Ele deveria procurar o talismã com eles. Ele deveria estar lá para protegê-la de Hyakuhei.

Shinbe tentou sentar-se para contar a ela, mas a dor atingiu o seu cérebro e ele recuou na cama com um gemido.

Kyoko parou a meio do caminho, virando-se para dar-lhe um olhar suplicante.

– Por favor, Shinbe. Não tentes levantar-te. Não há como saber se estás curado por dentro ainda e eu não gostaria que sangrasses até a morte enquanto eu não estiver aqui. – disse quase brincando, mas ele ainda estava com dores e isso significava que ele poderia causar algum dano se não ficasse quieto.

– Kyoko, eu não posso ficar aqui. Eu nem sei onde 'aqui' é. – disse, começando a entrar em pânico só de pensar que ela o iria deixar. Ela deve ter sentido o medo dele porque falou baixinho enquanto abria a porta para sair.

– Não te preocupes, Shinbe. Vou mandar o avô para fazer-te companhia.

Ela fechou a porta antes que ele tivesse a oportunidade de protestar.

Capítulo 6 ‘Mal-entendidos’

Depois de encontrar o avô e dizer que Shinbe estava acordado, Kyoko pegou na sua mochila e carregou-a com todas as coisas que ela sabia que os seus amigos gostariam. Ela embalou carne seca para Toya, barras de chocolate para Kamui e, claro, a pastilha elástica preferida por todos.

Como uma reflexão tardia, ela colocou algumas garrafas de refrigerante e amêndoas cobertas de chocolate para Suki e Sennin. Kyoko sorriu, sentindo-se melhor agora que sabia que Shinbe estaria bem novamente em breve.

Ainda assim ... ela teria que falar abertamente com Toya sobre as brigas e o fato de que ele poderia ter morto o seu próprio irmão. Ela silenciosamente perguntou-se como Shinbe poderia ter passado pelo coração do tempo. O santuário não o deixaria passar sem uma razão.

– Provavelmente para que eu pudesse terminar a luta. – murmurou Kyoko baixinho.

Ela também adicionou os suprimentos típicos que os traria, como curativos e aspirina.

Olhando em volta da cozinha, ela perguntou-se se deveria ver Shinbe uma última vez, mas decidiu não. Já era difícil o suficiente deixá-lo. Ela ainda podia ver o olhar suplicante nos olhos de ametista, como se ele estivesse a implorar para que ela não fosse embora, mas ela só iria por algumas horas.

Ele ficaria bem com o avô e Tama. Fechando a sua mochila, ela foi para o santuário.

O pequeno grupo passou as últimas duas horas tentando encontrar Shinbe. Eles não podiam nem seguir o seu rasto porque eles não tinham ideia de onde começar a procurá-lo. Eles só poderiam assumir o pior, mesmo que não encontrassem evidências de algo errado. Estava literalmente a deixá-los loucos de preocupação. Para piorar a situação, Toya nunca havia regressado à cabana naquela noite e deixou-os a pensar que talvez ele estivesse por trás do desaparecimento.

Quando ele não voltou depois de várias horas, Suki estava certo de que era o último. Com Kyoko ainda desaparecido, tudo parecia muito pior.

– Eu juro que se Toya voltar, eu vou matá-lo. – soluçou Suki nas suas mãos enquanto Sennin a confortava.

Kamui sentou-se ao lado dela em silêncio enquanto os pensamentos de Shinbe deitado morto percorriam a sua mente. Mas ele saberia se Shinbe tivesse morrido ... não é? Ele e Kaen sabiam que algo não estava bem contado assim que pisaram na clareira ... algo sobre as vibrações na área cheirava a raiva e algo mais que ele não conseguia identificar. Outra evidência foi o fato de que algumas das pedras ao redor da estátua inaugural tinha sido desenterradas. 'E onde estava Kyoko?'

Esse pensamento fez Kamui perguntar exatamente o que exatamente tinha acontecido ... Kyoko também estava magoada? Ela não tinha voltado ainda, e ele estava a começar a sentir muita preocupação. Ele suspirou sabendo que Kaen ainda estava a olhar.

– Olá, alguém em casa? – disse Kyoko com uma voz alegre quando ela abriu a porta da cabana.

Ela imediatamente viu como Suki estava angustiada. Atirando a mochila na porta, ela correu para Suki.

– O que há de errado? O que aconteceu?

Ela caiu no chão ao lado de sua amiga porque Suki nunca chorava ... ela devia mexer com o lado feminino.

Suki chorou um pouco e enxugou os olhos com as costas da mão. Os seus lábios separaram-se e ela tentou falar:

– Oh, Kyoko.

Ela afastou-se dela e soluçou novamente, incapaz de dizer a sua amiga os seus receios.

Sennin colocou a mão no ombro de Kyoko, olhando para a filha, depois falou em voz baixa:

– Kyoko, posso falar contigo lá fora.

Kyoko olhou de Sennin, voltou para Suki, depois se levantou devagar. 'Algo deve estar seriamente errado.', pensou Kyoko preocupada.

– Algo mau aconteceu com Toya, ou eles ouviram algumas notícias sobre o desaparecimento do irmão de Suki, Hikaru? – sentiu ela um arrepio muito, muito grande a atravessar a sua espinha.

Ela seguiu Sennin lá para fora.

– O que é isso, Sennin? O que aconteceu?

Kyoko nunca pensou por um segundo que eles estivessem preocupados com Shinbe. Ela pensou que Toya tinha dito a eles onde encontrá-lo.

Sennin virou as costas para Kyoko, sabendo que ele ainda teria que lidar com outra cena de partir o coração. Foi demais para ele. Isso ia partir o coração de Kyoko por descobrir que Toya poderia ter morto Shinbe. Ele decidiu apenas contar a ela o medo deles.

– Kyoko, acreditamos que Toya magoou Shinbe ... e não conseguimos encontrar nenhum deles. – disse e a sua voz parecia ainda mais velha do que o normal, e misturada com tristeza e um toque de derrota. Ele esperou ouvir os gritos de dor que logo viriam da sua jovem amiga. Quando eles não vieram, ele virou-se bem a tempo de ver Kyoko voltando para a cabana.

Kyoko sentou no chão ao lado de Suki e abraçou a amiga.

– Tudo bem, Suki.

– Shinbe está bem. De alguma forma ... ele veio através do tempo com Toya. Ele está ferido, mas vai ficar bem.

Suki parou de respirar por um momento, então com um suspiro ela se afastou, olhando para Kyoko enquanto ela passava a mão pelos olhos.

– Shinbe ... não está morto? – continuou olhando para Kyoko.

Kyoko franziu a testa:

– Não, ele tem muitos ferimentos, mas não está morto. Voltei para avisar que ele está a recuperar. Ela silenciosamente perguntou-se por que Toya não havia contado o que havia acontecido.

Kamui ouviu as palavras de Kyoko e perguntou-se. Agora ele sabia por que não podia sentir Shinbe ... ele nem estava neste mundo. Ele saiu da cabana para encontrar Kaen para que eles pudessem cancelar a caçada. Ele desejou que os seus outros irmãos, Kotaro e Kyou, aparecessem e de alguma forma o ajudassem a consertar o que estava a acontecer. Os seus pensamentos voltaram para Kyoko.

– Bem, eles estão apenas magoados um e o outro e não ela. – sussurrou Kamui, mas o aperto no peito ainda não diminuiu. Se ele tivesse... ele a protegeria sozinha.

Suki levantou-se.

– Ele esteve contigo a noite toda, Kyoko? Nós vimos Toya com sangue nas mãos dele. – gaguejou e fez uma pausa, com a raiva a crescer dentro dela e dirigida a Kyoko por mantê-lo um segredo.

Kyoko levantou-se:

– Onde está Toya, afinal? Quando eu colocar as minhas mãos nele, eu vou ...

Suki interrompeu-a no meio da frase.

– Ele esteve contigo esse tempo todo? Shinbe esteve contigo no teu tempo?

A voz de Suki segurava uma nota de acusação e Kyoko ficou pasma.

– Esperaste tanto tempo para nos contar. Não achaste que estaríamos preocupados com ele?

Kyoko balançou a cabeça.

– Desculpa-me, Suki. Não queria deixá-lo até saber que ele estava ...

Ela viu o rosto de Suki ficar vermelho e recuar.

– A noite toda? Durante a maior parte da manhã, procuramos por ele, temendo que ele estivesse morto ou ferido em algum lugar! Agora voltas toda feliz, e dizes-me que ele está contigo!

Ela apontou um dedo acusador para a sua amiga.

– Deverias ter vindo antes. Deverias ter ...

Ela parou, um soluço deixou o seu corpo, aliviado por Shinbe estar bem.

Kyoko colocou o braço em volta da menina para confortá-la.

– Desculpa-me, Suki. Eu não pensei. As lesões dele foram muito más. Eu tinha medo de deixá-lo até que ele acordasse. Eu estava tão preocupado que eu pensei em perdê-lo.

Suki afastou-se de Kyoko com a sua raiva atingindo novamente as palavras de Kyoko.

– Tu... pensaste que irias perdê-lo? – olhou para Kyoko piscando para conter as lágrimas.

– Porque estavam eles a brigar, Kyoko? Eles estavam abrigar por causa de ti?

Kyoko ficou surpresa com a pergunta. Ela não sabia responder. Ela não podia contar a Suki que ela havia beijado Shinbe e que Toya os viu. Esta era Suki, a sua amiga que estava secretamente apaixonado por Shinbe. A culpa tomou conta dela. Ela estava a trair a amiga. Ela olhou para o piso de madeira, subitamente achando-o muito interessante.

Ela não estava apaixonada por Shinbe, mas ela... ‘Meu Deus, o que eu estou a pensar?’ Ela cerrou as mãos em punhos, ficando irritado por pensar em Shinbe dessa maneira, quando aquele que realmente o amava estava bem na frente dela. Ela tinha que saber como Suki realmente se sentia.

– Suki, estás apaixonada por Shinbe? – perguntou rapidamente, sem querer fugir do assunto de por que os dois guardiões haviam lutado.

Suki virou as costas, as bochechas ficando vermelhas com a pergunta. ‘Ela estava apaixonada por ele?’ – perguntou ela. Sim, ela tinha sentimentos por ele. Mas apaixonada, como Kyoko havia proposto? Ela sacudiu a cabeça dela. Ela nunca amaria homem algum. Especialmente Shinbe. Aquilo era uma pergunta fora de questão. Talvez ela pudesse amá-lo se conseguissem matar Hyakuhei e apagar a feitiço de Shinbe. Mas ... não, ela simplesmente não podia apaixonar-se por ele. Ela não conseguia lidar com mais nenhuma mágoa.

Confusa com os seus próprios sentimentos, ela voltou-se para Kyoko:

– Estás a evitar a pergunta,

– Kyoko! Eu perguntei se eles estavam a brigar por causa de ti?

Agora era ela quem evitava uma pergunta, mas era algo que ela sinceramente não queria responder ou pensar.

Kyoko suspirou, encolhendo os ombros.

– Eu não sei.

– Toya não te disse o que aconteceu?

Ela olhou para a porta e perguntou-se por que ele não estava lá.

– Onde está Toya de qualquer forma? Ele está bem? – disse Kyoko e sentiu um calafrio repentino, percebendo que a ausência de Toya era o que mantinha os outros na ignorância.

Suki explodiu:

– O quê? !!

Toya saiu depois que o encontramos. As suas garras estavam cobertas de sangue, Kyoko! Ele estava ...

Suki foi interrompida quando Sennin entrou na cabana.

– Vais parar de gritar, Suki? – sentou-se no tapete e pegou um pau, remexendo o fogo na frente dele.

– Kyoko, senta-te. E conta-nos o que sabes.

Kyoko olhou para Suki. Ela não gostava que a sua amiga estivesse com raiva dela. Por que todos eles estavam a brigar entre si de repente? Eles sempre se mantiveram juntos e se defenderam um ao outro ... algo simplesmente não estava certo. Ela sentou-se e começou a contar o que aconteceu,

desde o tempo na queda de água, a aparência de Shinbe no seu tempo. Claro, ela não contou a eles sobre o beijo, apenas que Toya estava com raiva porque estava de roup interior.

– Bem, é isso mesmo. Ele finalmente acordou antes de eu vir para aqui. Ele está em péssimo estado. – e ela balançou a cabeça, olhando para as mãos. – O avô diz que vai demorar pelo menos alguns dias antes que ele se possa levantar e começar a mover-se novamente.

A cabeça de Suki levantou-se:

– O quê? Ele não pode ficar no seu tempo! – Imediatamente abaixou os olhos, sentindo-se estranho novamente. De onde veio esse ciúme de repente?

Sennin colocou a mão no braço de Suki.

– Calma, não gostarias que ele viajasse de volta se ele ainda está ferido.

Suki suspirou:

– Mas isso é muito tempo. Podemos cuidar dele tão bem aqui.

Ela não gostou do fato de o grupo estar dividido.

Sennin riu:

– Bom, mas para trazê-lo aqui, ele teria que viajar pelo coração do tempo. O cansaço de fazer algo não permitido pode ser demais para os ferimentos dele.

Kyoko levantou-se:

Eu realmente odeio ir embora, mas só voltei para avisar que ele está bem. É melhor eu voltar para lá antes que o avô e Tama o deixem louco.

Ela pegou na sua mochila e sorriu nervosamente quando Kamui voltou para a cabana, com os olhos presos.

Kamui não pôde evitar quando puxou Kyoko nos seus braços e a abraçou com força. Ele estava com o espírito muito melhor agora que ele sabia que Toya não magoara seriamente Shinbe. Quando Kyoko não tinha voltado, ele pensara o pior.

– Vou manter os meus olhos neles deste lado. Traz o nosso Shinbe de volta. – sorriu, com o amor por ela dançando nos seus olhos multicoloridos. Ele queria que ela soubesse que não estava zangado com ela como Suki estava.

Kyoko sorriu para ele e entregou-lhe uma caixa de chocolates.

– Agora não comas tudo depressa também. Não quero que tenhas dor de barriga.

Ela passou a mão pelos cabelos que reflectiam as cores roxas e eram sedosos e o abraçou de volta. Ela estava agradecida por pelo menos um deles não estar zangado com ela. Kamui sempre teve o coração mais suave.

Ela sussurrou perto do ouvido dele para Suki não ouvir:

– Se Toya voltar, diga a ele que eu preciso de vê-lo.

Kamui acenou com a cabeça.

Suki sentou-se de costas para Kyoko.

– Diga a Shinbe que é melhor ele ficar bem rápido.

Ela fungou e Kyoko de repente sentiu-se realmente culpada. Soltando Kamui, ela colocou as coisas que trouxera para os outros na porta, não querendo incomodar Suki novamente agora. Ela sabia que iria encontrar os mantimentos e guloseimas mais tarde. Ela disse adeus, depois voltou sozinha para o santuário, imaginando como Toya estava.

Do outro lado do portal do tempo, Shinbe estava deitado na cama com os olhos fechados, tentando afogar a tagarelice sem sentido do avô com os seus próprios pensamentos. 'Quando Kyoko voltaria para resgatá-lo? – riu como um louco em sua mente. Sim, ela era a única pessoa que poderia salvá-lo agora.

Mesmo com os seus ferimentos, ele não conseguia parar de pensar nela. Esse deve ser o modo de Deus castigá-lo pelos seus pecados. Ele sabia muito bem que, se Toya soubesse toda a verdade, ele não estaria a respirar agora.

Os outros, incluindo Toya, sempre assumiram que ele queria Suki apenas porque isso era exatamente o que ele queria que eles pensassem. Suki não queria ter nada a ver com romance e isso a fazia segura ... sem saber, desempenhando um papel enorme na sua mentira. Ele começou a voltar a dormir e visões de Kyoko nos seus braços passaram pela sua mente.

Kyoko caminhou lentamente de volta ao santuário inaugural com sentimentos confusos. Por que Toya fugiu? E agora ela sentia-se egoísta por fazer os outros se preocuparem por tanto tempo. É só que ela pensou que Toya teria contado o que tinha acontecido. Essa coisa toda estava a começar a sair fora do controlo. Eles ainda tinham que encontrar o talismã espalhado por aí e Hyakuhei estava aí fora em algum lugar provavelmente a planear todas as suas mortes. De momento, todo o grupo parecia estar dividido.

Toya observou Kyoko enquanto voltava para o santuário. Ele sentiu o cheiro da chegada dela e procurou-a quando notou que Shinbe não estava com ela. Então o guardião ametista ainda estava no tempo de Kyoko ... e agora parecia que ela estava a voltar para ele.

Desde o regresso, Toya havia se mantido numa caverna não muito longe. Ele não estava arrependido pela luta com Shinbe, mas ele não pretendia magoá-lo tão mal quanto ele estava. Mas acreditaria Kyoko nele?

Os seus orbes dourados observavam-na do alto das árvores. Ele sabia que teria que conversar com ela antes de voltar para Shinbe.

Kyoko olhou para cima, percebendo que ela já estava no coração do tempo. Ela estava tão perdida que ela nem estava a prestar atenção. Ela suspirou, depois levantou o queixo, ganhou coragem e decidiu que teria que conversar com Shinbe quando voltasse.

Kyoko parou quando viu um clarão de movimento pelo canto do olho.

Antes que ela pudesse piscar os olhos, Toya estava entre ela e o santuário. Ele estava a olhar para ela assustadoramente através da franja perdida que caíra para proteger os seus olhos, cabelos e roupas ainda a temer por causa da aterragem tão rápida.

Por que ele podia fazer as coisas mais estranhas e o seu corpo inteiro se iluminava como se uma onda de choque elétrico passasse por ele. O punhado de borboletas a flutuar no estômago dela parecia entrar em frenesim de acasalamento. Ela não sabia o que dizer ou fazer, então ficou parada tentando ler a sua expressão. Ela podia ver todos os tipos de emoções, tudo, desde culpa até raiva ... até uma pitada de depressão.

Finalmente encontrando a sua voz, embora parecesse assustada até para os seus próprios ouvidos, ela disse:

–Eu ... Toy-ya?

Os olhos dela se arregalaram quando o rosto dele apareceu e os olhos dele fixaram nos dela.

Kyoko não quis dar um passo atrás, mas ela fez isso sem pensar. Quando ela percebeu com os olhos semicerrados ao vê-la afastar-se dele, ela encarou-o. Timidamente, ela deu um passo em frente para que ele soubesse que ela não tinha medo dele.

Toya observou-a em silêncio, sentindo medo nela. Quando ela se afastou dele, viu que ele estava com raiva o suficiente para que ele realmente sentisse o seu sangue a ferver. Ele esperou para ver o que ela faria e acalmou-se quando ela se aproximou novamente, recuperando a distância que havia criado. Ele não quer que ela o temesse.

– Kyoko. – disse sua voz era firme e severa – sabes que eu nunca te magoaria.

As mãos dele fechadas em punhos ao lado do corpo.

– Eu sei que sabes disso. – disse com uma voz exigente.

Kyoko mordeu o lábio inferior, ouvindo a tensão na sua voz. Sim, ela sabia que ele não a magoaria de propósito ... mas ela também se lembrava do fato de Hyakuhei ter feito algo ao sangue dele que o tornava extremamente perigoso quando irritado. Respirando fundo, ela começou a caminhar lentamente na sua direção.

– Onde estavas?

Toya podia ouvir preocupação na sua voz e os seus olhos arregalaram-se, imaginando o que responderia. Ela estava preocupado com ele? Ele pensou que ela o odiaria depois do que ele havia feito. Ele ficou doente só de pensar nisso.

– Como está ... Shinbe? – cerrou os dentes ao proferir o nome dele.

Kyoko franziu a testa:

– Ele vai viver. Mas vai demorar um pouco para ele estar bem o suficiente para vir de volta. Eu nem tive a chance de perguntar o que aconteceu, então por que não me contas? Porque... fizeste isso?

A sua voz parou por um momento e então ela sussurrou:

– Suki e os outros pensaram que ele estava morto.

A sua voz elevou alguns pontos, tornando-se acusadora:

– Poderias ter pelo menos lhes dito onde ele estava.

Ela olhou para trás para a estátua da donzela, evitando o seu olhar. A crueldade dos seus olhos era demais para ela aguentar agora.

Toya sentiu frio e calor ao mesmo tempo. O sentimento em si era perturbador. Tudo o que ele conseguia pensar era a questão que ela o odiaria, e essa era a única coisa que ele não podia lidar. E pensar que ela estava sozinha com Shinbe no seu tempo também era demais para ele engolir.

Especialmente depois das coisas que o seu irmão havia dito. Era a mesma coisa que ameaçá-la.

Kyoko observou as emoções a mudar nos seus olhos dourados, agora escurecendo com os pensamentos dele. Ele estava a sentir uma calma de morte, o que estava a começar a assustá-la. Ela deu alguns passos, como se quisesse dar a voltar para o santuário, mas ele moveu-se para bloqueá-la e isso agitou-a ainda mais.

– Olha, se não vais dizer nada, eu vou voltar para verificar os estragos que fizeste com o teu irmão Shinbe. – gritou com ele.

Toya não aguentou. Num piscar de olhos, ele tinha-a, segurando-a presa nos seus braços, todos os seus instintos a dizerem-lhe para não deixá-la entrar no coração do tempo ... de volta aos não-confiáveis guardiões.

– Kyoko, espera. – disse com a sua voz ainda um pouco dura que ele tentou amolecer quando a sentiu endurecer contra ele. – Kyoko, não sabes por que brigamos. Não sabes o que ele disse. Não podes confiar nele. Eu não confio nele. Ele mudou, e eu não gosto.

Kyoko sentiu os braços dele apertarem ao redor dela e ela sabia que ele estava a falar a sério. Toya nunca mentiu para ela ... mas simplesmente não fazia sentido. Ela tentou recostar-se nos braços dele para ver os seus olhos.

– O que queres dizer? Ele é o mesmo de sempre.

Toya rosou baixo e disse:

– Não, Kyoko, ele escondeu isso de ti. Há algo nele e não sei o que é, mas posso sentir. Ele está a esconder alguma coisa.

Toya esperava que ela ouvisse as suas palavras e não apenas que pensasse que ele estava a dar uma desculpa para espancá-lo.

Kyoko franziu a testa. Ela havia notado pequenas coisas sobre Shinbe. Mas para ela, as mudanças não haviam ocorrido. Tinha sido mau, mas sabia que Toya tinha instintos muito bons, e não podia apenas descartá-lo completamente.

Só para ter certeza disso, ela suspirou:

– Não estás apenas a dizer isso por causa do beijo, estás?

Ela sentiu o peito de Toya a vibrar contra ela.

– Aquele beijo. – Toya rosnou e estendeu a mão para agarrar o queixo na mão dele, trazendo o seu rosto para perto dele. Havia uma pergunta que o estava a incomodá-lo.

– Kyoko, porque o beijarias por te salvar, e não a mim? Eu não entendo.

Os seus olhos baixaram para os seus lábios amuados e antes que ela pudesse rejeitá-lo, ele pressionou os seus lábios nos dela, sentindo pela primeira vez os seus lábios sedosos contra os dele.

Quando ela se engasgou com o ataque repentino nos seus sentidos, Toya aprofundou o beijo, procurando a reação dela. Ele podia ouvir o batimento cardíaco dela acelerar e também podia sentir o corpo dela a ficar cada vez mais quente.

Kyoko estava a receber o beijo que ela sempre quis, mas em algum lugar no fundo de sua mente, ela não podia deixar de pensar que era pelas razões erradas. Ele estava a beijá-lo porque Shinbe já o tinha feito? 'Não, isso estava errado.' Ela pressionou contra o peito dele por mais razões do que apenas falta de ar.

– Espera Toya. – disse ela ofegante. – Pára, eu não consigo pensar.

Toya sorriu, relaxando os braços, mas não a soltando. – Isso é uma coisa boa, Kyoko.

Ele sentiu algo com o beijo, e isso fê-lo sentir-se melhor sabendo que ela também o beijava de volta. Talvez ele afinal, não a perdera para Shinbe. Lembrou-se da ameaça que Shinbe disse quando o provocara.

– Shinbe não deve ser totalmente confiável. Prefiro que fiques aqui comigo e deixes a tua família cuidar dele por enquanto. – disse com os seus olhos a atraírem os dela num apelo silencioso.

Kyoko franziu a testa.

– Não, eu tenho que voltar. Ele só acordou alguns minutos antes de eu vir aqui para que vocês soubessem que ele ficaria bem. – A culpa tomou conta dela – Além do mais, eu sinto que é minha culpa que vocês tenham lutado, e então eu vou cuidar dele até que ele melhore, e eu vou trazê-lo. – Os olhos dela semicerraram. – E temos que nos dar bem se quisermos encontrar o resto do talismã.

Ela colocou um dedo no peito dele e finalmente deu um passo para trás, fora do círculo dos seus braços.

– Isso significa que não há mais brigas. Entendes? Quase o mataste.

Os olhos dela procuraram os dele pela verdade.

– Então eu voltarei contigo. – disse Toya com força, cruzando os braços dentro das mangas e de pé em toda a sua altura. – Shinbe cheira a culpa, e eu não sei porquê.

Secretamente, ele estava feliz porque ela ainda não tinha passado um tempo sozinha com ele, considerando que ele tinha acabado de acordar.

– Eu não confio nele sozinho contigo.

Kyoko piscou o olho.

– Não tem como chegares perto de Shinbe agora. Ele ainda está com muita dores, e foste tu quem o colocou assim.

Ela não estava tentando ser má ... Ela só queria mantê-los separados por enquanto.

– Eu vou fazer um acordo. Voltarei amanhã e atualizar todos, se me prometeres que voltarás ao grupo.

Vendo a teimosia entrar nos seus olhos, ela olhou para o chão por um momento e sussurrou pesadamente no ar:

– Ainda somos um grupo ... não somos? Ainda precisamos encontrar o talismã antes de Hyakuhei.

Os olhos de Toya brilharam perigosamente.

– Se ele faz alguma coisa, e eu não estou lá ... eu não te posso proteger. – disse e a sua voz levantou alguns pontos:

– Eu sou o teu protetor, não dele!

A cabeça de Kyoko levantou-se com as palavras dele. Não era frequente que Toya mostrasse o seu coração, mas ela podia ver isso tão claramente nos raros momentos em que suas defesas caíam.

Ela sorriu, tentando acalmá-lo.

– Olha, Shinbe está muito fraco para tentar qualquer coisa, então não te preocupes. Volto amanhã.

Ela deu alguns passos em direção ao coração do tempo e viu-o a mover-se para detê-la.

– Toya! – gritou, erguendo a mão e lançando o feitiço Domar.

Kyoko suavizou a voz.

– Olha, eu sei que não confias em Shinbe, mas pelo menos confia em mim. Eu estarei de volta amanhã à noite. Tudo vai ficar bem ... vais ver.

Com isso, ela tocou na mão da donzela e desapareceu. Ela ainda podia ouvir a sua série de maldições quando o coração do tempo a levou para o outro lado.

Kyoko franziu a testa, pensativa, quando se viu dentro da casa do santuário. Ela ainda podia ver o dano que havia sido causado durante a luta. Quando ela se virou, ela colocou um selo de travamento sobre as mãos da donzela, decidindo que era melhor prevenir do que remediar.

Capítulo 7 ‘Perguntas’

Kyoko voltou pela casa escura para encontrar Shinbe a dormir profundamente. Ela silenciosamente perguntou-se se deveria contar a ele sobre o seu encontro com Toya. Sentada na sua mesa, ela começou a terminar de costurar as roupas rasgadas, mas os pensamentos acerca de Toya diminuíram a força dos dedos.

Ele surpreendeu-a quando a beijou. Ela costumava sonhar com ele a beijá-la ... ela costumava desejar isso. Ela teve que admitir que o beijo era exatamente o que ela sempre imaginou ... era o momento que a tornava confusa. Talvez fosse apenas Toya tentando distrair a sua raiva. Ele nunca tentou beijá-la antes, então por que mais ele faria isso agora? Ela pensou nos lábios dele nos dela e, por instinto, levou os dedos aos lábios imaginando ... então outro beijo invadiu a sua mente. Quando ela casualmente roçou os lábios contra a de Shinbe, foi como se um choque elétrico a atravessasse. Se Toya não tivesse aparecido quando ele apareceu ... ela teria gostado de ter experimentado aquele beijo um pouco mais.

Inclinando a cabeça, ela mordeu o lábio inferior. De onde diabos esse pensamento veio? Ela olhou para Shinbe. Como ela poderia se perdoar por fazer isso acontecer? Ela não queria que ninguém se magoasse. Ela caminhou lentamente até a cama, observando-o enquanto ela se sentava na ponta e estendeu a mão para alisar o cabelo azul-ébanos dos olhos dele. Pelo menos ele estava a dormir pacificamente.

O olhar dela percorreu o rosto dele, permanecendo nos lábios dele. Eles eram tão macios no seu sonho, que é o que a levou a tentar beijá-lo quando Toya os apanhou. Ela só queria saber se eles eram tão suaves na vida real como no sonho dela ... e eram.

Kyoko olhou para o cobertor que havia caído, expondo os seus ombros e peito apenas em baixo dos braços dele. Ele ainda estava com um hematoma no ombro e ela inconscientemente alcançou a mão dela para passar um dedo sobre ele. Shinbe gemeu no seu sono e ela pulou, puxando a mão para trás e colocando-a nos lábios. Ela virou-se com culpa, olhando para o outro lado.

Shinbe abriu um olho, e um sorriso formou-se nos seus lábios. Ele sentiu o peso dela à beira da cama e fingia estar a dormir, mas ele a observava secretamente através dos cílios, testemunhando as emoções cruzarem o seu rosto enquanto o estudava. Por mais que seu corpo doesse, ele não podia evitar sentir excitado pela presença dela ... sempre fora assim para ele. Ele esperava que ela não olhasse mais baixo, porque ele tinha certeza de que uma tenda havia se formado nas regiões inferiores.

Quando ela tocou no seu ombro, ele involuntariamente gemeu. Assim que ela se virou, ele susteve a sua respiração. Soltando-o lentamente, os seus lábios se separaram quando ele avançou com a mão na sua direção. Antes ele podia dizer qualquer coisa, ela se levantou e ele soltou um suspiro decepcionado.

Kyoko rapidamente virou-se para vê-lo olhando para ela, e a sua mão flexível não passou despercebido.

– Shinbe ... o que estás a fazer?

Ela olhou para a mão dele, a cabeça inclinada para o lado, curiosamente.

Shinbe tentou esconder a mão de volta sob o cobertor, deixando escapar um gemido de dor. Kyoko estava imediatamente ao seu lado, passando a mão sobre o braço dele, tentando aliviar sua dor, sem perceber que esse não era o tipo de dor que ele sentia.

– Por favor, tenha cuidado, Shinbe. Quero que melhores, não te magoes ainda mais. – olhou para ele com simpatia nos seus olhos.

Ele sorriu para ela, apreciando cada momento da sua ternura.

– Está tudo bem, Kyoko. Eu estou bem. Serve-me bem pelos meus pensamentos vergonhosos.
– ele tentou sorrir, e ela franziu o semblante. Tinha ele acabado de admitir?

A sua mente estava turbulenta quando ela se sentou na cama ao lado dele. A lembrança do que Toya havia dito a ela na clareira voltou para assombrá-la.

– Shinbe, nós realmente precisamos conversar sobre o que você e Toya brigaram. Ele acha que estás a esconder alguma coisa, e ele diz que não devo confiar em ti. Ela sentiu-se desconfortável ao perguntar isso a ele, mas ele estava a dormir na cama dela ... então ela sentiu que tinha o direito de pelo menos perguntar.

– Estás... a esconder alguma coisa?

Os pensamentos de Shinbe voltaram para a noite em que Kyoko chegou ao coração dos tempos, bêbada.

Em que situação ele se meteu. Toya não apenas o mataria, mas Kyoko o mataria, provavelmente o deixaria.

Ele suspirou, olhando para longe dela enquanto as suas bochechas coravam.

– Não, eu não estou a esconder nada.

Kyoko continuou a estudá-lo. Ele não faria contato visual com ela e ela estava convencido de que ele estava realmente a esconder alguma coisa.

– Sabes que eu sou tua amiga, Shinbe. Podes conversar comigo sobre qualquer coisa. – sorriu e passou a mão pela testa dele, fazendo-o tremer. Ela puxou o cobertor sobre os ombros, pensando que tinha ficado arrepiado.

Ele observou-a enquanto ela continuava olhando para ele, com as mãos ainda na beira do cobertor, tocando levemente os seus ombros.

Ele sussurrou o nome dela em uma voz rouca:

– Kyoko.

Ela olhou para o rosto dele, corando quando percebeu onde estavam as suas mãos. Ela virou-se para ele, sentindo as bochechas dela começarem a ficarem quentes. Ela estava olhando para o pescoço dele, sonhando acordada, e sentindo vontade de se inclinar e beijá-lo ali mesmo.

– Shinbe, lembraste quando voltei ... depois da festa? Onde estavas quando eu vim através do portal do tempo? – perguntou timidamente, não querendo parecer tola, mas esse sonho começava a afetá-la de maneiras que a preocupavam.

Shinbe ficou surpreso com a pergunta. Ela lembrou-se do que aconteceu e simplesmente não disse alguma coisa? Ele olhou para ela de volta e disse:

– Kyoko, porque estás a perguntar isso? Aconteceu alguma coisa?

Kyoko corou. Levantando-se, ela caminhou até a janela e olhou para fora:

– Não, eu só estava curiosa para saber onde estavas quando voltei.

Ela virou-se, sorrindo e escondendo o que havia na sua mente.

– Eu apenas me lembro de me ajudares no santuário e de volta à cabana de Sennin. – mentiu.

Ela não se lembrava como chegou lá. Shinbe suspirou, fechando os olhos. Ele teve que digerir essa informação. Então ela lembrou-se de alguma coisa ... do que mais ela se lembrava? Agora ele estava a começar a sentir mal do estômago. E se ela lembrou disso, provavelmente lembrou-se o que ele fez também. Ou ela estava a começar a suspeitar que talvez não fosse um sonho. Ele precisava ter cuidado por enquanto.

Ele queria levantar-se e consertar a confusão que causou, mas a dor na sua cabeça tinha estado lentamente a piorar em vez de melhorar e agora era ofuscante. Ele sentiu-se afundando cada vez mais fundo, não importa o quanto ele tentasse combater a escuridão que se aproximava.

Kyoko olhou de volta para ele. Os seus olhos estavam fechados e a sua respiração parecia equilibrar-se.

– Ele caiu de sono. – sussurrou ela baixinho e suspirou. Sem mais perguntas por enquanto, ele precisava descansar. Ela voltou para a mesa e sentou-se, pegando nas roupas dele para terminar de costurá-las, mas os olhos dela ardiam porque ela estava acordada há tanto tempo. Ela deitou a cabeça na mesa, o seu longo casaco ainda nas suas mãos no colo e ela adormeceu.

Toya estava na frente da estátua inaugural, amaldiçoando Kyoko. Ela selou o coração do tempo, e ele foi incapaz de quebrar o feitiço. Por que diabos ela fez isso? Ela precisava se proteger da sanguessuga maldita. Ela não entendia isso?

– Bolas, Kyoko! – gritou como se ela pudesse ouvi-lo do outro lado.

Toya ficou tenso enquanto sentia uma presença e se preparava. Kyou? Que diabos ele queria? Ele esperou pelo seu irmão aparecer.

Kyou estava do outro lado da clareira, com as suas roupas ondulando na brisa. Sacudiu uma mecha de cabelo prateado atrás da orelha, e ele aproximou-se de Toya.

– Chamaste a sacerdotisa?

A mão de Toya flexionou quando um dos punhais gémeos surgiu devido à sua agitação.

– Sim, e quanto a isso?

Ele não estava com vontade de ser intimidado pelo seu irmão mais velho.

Kyou olhou além de Toya, em direção ao santuário.

– Não tenho permissão para me preocupar com o destino do meu irmão? – disse com uma expressão era sem emoção enquanto ele continuava olhando para a estátua da donzela suspeitosamente. Ele sentiu sangue velho em Toya e o identificou como o de Shinbe. Ele também estava sentindo o perfume de Kyoko, misturado com o dos guardiões.

– Desde quando te importas? – Toya deu um passo em direção a Kyou.

Kyou cheirou o ar, estreitando os olhos para Toya.

– Falhaste em reivindicar a sacerdotisa como tua companheira?

Os seus olhos brilhavam com uma risada não revelada.

– Que tolice tua permitir que o nosso irmão tente reivindicar o que é seu.

Toya rosou baixinho.

– Do que estás a falar, Kyou?

Kyou podia sentir que a erva estava manchada, mesmo que ele não pudesse ver sua aura maligna.

– Um guardião, os seus sentidos são fracos. – disse e virou as costas para Toya e começou a caminhar de volta para os bosques quando as suas asas douradas apareceram nas suas costas.

– Volta aqui, Kyou! Do que estás a falar? – gritou Toya atrás dele enquanto Kyou voou em direção ao céu.

Ele sorriu para Toya.

– És um tolo, irmãozinho. Nunca deves subestimar o inimigo.

Toya virou-se para encarar o santuário, zangado por não poder passar por ele. O perfume de Kyoko ainda pairava espesso no ar. Ele partiu na direção à caverna em que estava hospedado desde que voltou do tempo de Kyoko. Ele não queria enfrentar ninguém agora. Ele só esperava que quando Kyoko regressasse, ela fosse capaz de suavizar as coisas dentro do grupo.

Mas, por enquanto, ele queria ficar sozinho para refletir sobre o que Kyou havia dito. Ele sabia que Kyoko nunca ficaria com aquele guardião lascivo por vontade própria. Mas se Kyou estava certo e Shinbe se atrevesse a tocá-la, da próxima vez, ele estaria morto.

Kyoko foi acordada pelos gemidos de Shinbe. Ela correu para a cama dele, colocando a mão na testa dele. Ele estava a transpirar profusamente e a ferver com febre ao mesmo tempo.

– Não é bom ... Ai, isso não é bom. – sussurrou ela enquanto pegava no frasco de aspirina e derramava um pouco de água num copo. A mão dela tremia levemente com o fato de ele estar, por algum motivo, a ficar pior.

– Shinbe. – disse ela gentilmente a tocar-lhe o ombro, tentando acordá-lo por tempo suficiente para conseguir dar-lhe a aspirina. ’

– Bolas! – murmurou a palavra suavemente, e em seguida, colocou o copo de volta na mesa quando ele não acordou e correu da sala, agora começando a entrar em pânico.

– Avô! – gritou enquanto corria pelo corredor até o quarto dele.

– O que é, Kyoko? – disse. O avô limpou o sono dos olhos e depois olhou para a neta de forma inquisitiva. Percebeu rapidamente que Shinbe devia estar com problemas.

Kyoko sentiu-se fraca. Se ele tivesse uma infecção, guardião ou não ... ele poderia morrer ... certo? Ela gemeu no pensamento.

– Ele está a ferver! Temos que fazer alguma coisa. – disse Kyoko e começou a soluçar, culpando-se.

O avô voltou para o quarto e voltou carregando uma sacola com ervas e remédios.

– Vai buscar água fria e panos usados. Vai ficar tudo bem, Kyoko. Nós podemos cuidar dele. – tentou acalmá-la, embora até ele estivesse preocupado. Shinbe parecia que ele estava a melhorar ontem, e agora isso.

Tama saiu do quarto, esfregando os olhos.

– O que está a acontecer? Porque estás a chorar?

O olhar disparou para o quarto de Kyoko.

– Ele está ... morto? – disse e o seu rosto empalideceu ao ver como sua irmã estava chateada.

Kyoko começou a soluçar mais alto, e o avô revirou os olhos. Dando uma pancada no braço de Kyoko, ele franziu a sobrancelha para Tama:

– Ele só está com febre, só isso. Agora ajuda a tua irmã a pegar água e panos velhos.

Ele só esperava estar a dizer a verdade sobre Shinbe. O guardião estava com dor de cabeça desde que tinha brigado com Toya e algo sobre o corte ao seu lado o preocupava. Ele sabia disso e era a segunda lesão na mesma área. Shinbe havia tocado a lesão enquanto eles estavam sozinhos. Ser golpeado uma vez por um demónio escorpião venenoso já era mau o suficiente, então ser magoado no mesmo lugar durante a sua briga com Toya não era bom.

Certa vez, ele conversou com Toya, e o guardião mencionou que as suas garras eram muito venenosas durante a batalha, tornando-se armas mortais. Ele só esperava que Toya não tivesse envenenado o seu próprio irmão.

Mas pela aparência de Shinbe, parece que Toya poderia ter feito isso sem saber.

O avô estava parado no corredor, pensando se seria capaz de salvar o guardião. 'Eu não sou com certeza a pessoa indicada para curar alguém que nem é humano. – pensou miseravelmente. 'Kyoko nunca perdoará ela mesma se algo acontecer com ele. Com esse pensamento, ele entrou no quarto, preparando-se para o pior.

Kyoko voltou para a sala vendo que o avô havia retirado os cobertores de Shinbe.

– O que estás a fazer? Ele está a tremer. – correu ela para o lado dele, puxando o cobertor de volta.

– Kyoko, precisamos diminuir a febre. Ele não acorda para tomar aspirina, então temos que arrefecê-lo com panos molhados. Agora traga essa bacia aqui. – disse e ele fez um gesto para ela largá-la na mesa que ele empurrou e colocou ao lado da cama.

– Devemos trabalhar rapidamente para reduzir a febre.

Ele entregou a Kyoko um pano molhado e apontou para as pernas de Shinbe.

– Fazes as pernas e Tama pode fazer a parte superior do corpo, enquanto eu ligo para um amigo. Ele não deu tempo a nenhum neto para reagir quando ele saiu rapidamente da sala.

Kyoko olhou para o guardião. Quando o avô dela tirou a roupa para tratar das feridas pela primeira vez, ele o deixou com nada além de um par de boxers pretos. Kyoko mentalmente deu uma bofetada em si mesma por perceber esse fato e começou a esfregar o pano molhado nas pernas dele.

Ela inclinou a cabeça, observando as gotas de água que ela estava a deixar para trás nas pernas macias e musculosas dele e mentalmente bateu em si de novo. Ela balançou a cabeça para por os pensamentos fora e voltar para a tarefa em mãos.

– Ele está com febre, pelo amor de Deus.

Ela olhou para Tama com medo de que ele tivesse notado que ela estava a sonhar acordada. Mas Tama estava ocupado a limpar o pano molhado nos ombros de Shinbe e ao longo da borda das ligaduras.

– Estou do lado errado.– disse e ela decidiu e afastou-se do pé da cama antes de vir ao redor para ficar ao lado de Tama.

– Aqui, deixa-me fazer isso, ok? Temos que esfriar a cabeça primeiro. – disse e mergulhou o pano na bacia e começou a dar pancadinhas na testa e no cabelo. Shinbe gemeu com o contato e virou a cabeça na direção dela, resmungando.

– Isso é tudo culpa minha. Sinto muito. – sussurrou Kyoko estas palavras enquanto ela começava a tentar arrefecer o seu corpo.

Tama olhou para a irmã, tendo ouvido as palavras dela:

– Porque é que a culpa é tua, irmã?

Kyoko suspirou:

– Nada, não te preocupes com isso.

Não havia como ela contar a Tama que ela tinha beijado Shinbe e deixado Toya com raiva. Esperava que ele deixasse por isso mesmo a conversa.

O avô entrou silenciosamente na sala sem que eles o ouvissem. Ele ouviu as palavras de Kyoko e olhou para ela pensativamente. O que estava a acontecer entre a neta e esses dois homens de outra época? Ele não queria pressionar a sua neta enquanto ela estava a sentir tanta culpa, então por enquanto ele esqueceria isso.

– Kyoko, chamei um médico meu amigo e ele vai aparecer e dar uma olhadela nele.

O avô estendeu a mão e colocou-a na testa de Shinbe.

– Parece que a febre está a diminuir.

Kyoko olhou para ele, incrédula.

– Avô, um médico a vir aqui para ver Shinbe? Não achas que ele vai suspeitar? – disse e ela inclinou a cabeça, olhando para Shinbe.

– Quer dizer, se ele fosse desta época, nós o levaríamos para um hospital.

O avô deu uma pancadinha na mão de Kyoko.

– Está tudo bem, minha filha. Eu expliquei tudo para ele. Bem... não exatamente. – corrigiu o que disse silenciosamente. O seu amigo devia-lhe um grande favor e ele ligou. Havia um acordo de que não haveria perguntas e nenhuma menção a ele mais tarde.

A sobrancelha de Kyoko franziu:

– Que tipo de médico ele é? – disse e ela estava a começar a sentir-se mal sobre isso.

O avô sorriu:

– Porque é um veterinário, é claro. Não te preocupes. Ele diz que ser um médico de animais não é diferente de tratar homens.

Kyoko revirou os olhos, mergulhando o pano na água.

– Se assim o dizes, avô. – e voltou a colocar água na testa de Shinbe.

Конец ознакомительного фрагмента.

Текст предоставлен ООО «ЛитРес».

Прочитайте эту книгу целиком, [купив полную легальную версию](#) на ЛитРес.

Безопасно оплатить книгу можно банковской картой Visa, MasterCard, Maestro, со счета мобильного телефона, с платежного терминала, в салоне МТС или Связной, через PayPal, WebMoney, Яндекс.Деньги, QIWI Кошелек, бонусными картами или другим удобным Вам способом.